

Fotografia



WWW.FOTOGRAFEMELHOR.COM.BR
Nº 287 | ANO 24 | R\$ 19,90

**Retratos
de crianças**

**Fotografia
documental**

Foto de
Pol Kurucz sem
manipulação no
Photoshop

Criatividade com a cor

Confira dicas técnicas de como fazer um
trabalho autoral com muita personalidade

- História da cor na fotografia
- Dicas de tratamento de cor
- A paleta ousada de Pol Kurucz

Grandes fotógrafos da edição: • Ana Carolina Fernandes • Ernst Haas • Lucas Rodrigues Dutra • Luiz Braga • Nilo Biazetto Neto • João Farkas • João Marcos Rosa • Pol Kurucz • Ração Diniz • Roberto Perizotti • Walter Firmo



RAFAEL FONTANA
Embaixador Sony Alpha

"A Sony mudou a forma que eu vejo os momentos! Documentar casamentos não é uma tarefa fácil, exige muita responsabilidade e confiança, mas hoje consigo explorar muito mais sem medo pois me sinto seguro com a Sony."





**PORTO
SEGURO**

1 ano de seguro GRÁTIS!*



COMPRA SUA CÂMERA OU LENTE SONY E GANHE **UM ANO DE SEGURO GRÁTIS***

Ao adquirir sua câmera e/ou lente diretamente com a **SONY BRASIL** através dos canais exclusivos www.store.sony.com.br ou pelo televendas 0800 601 1188, você recebe seu equipamento com **01 ano de seguro grátis!**

SONY



store.sony.com.br

Diretor Executivo: Luiz Siqueira
Diretor Editorial e Jornalista Responsável:
Roberto Araújo – MTb.10.768 – araujo@europanet.com.br

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Sérgio Branco (branco@europanet.com.br)

Editora de arte e capa: Izabel Donaire
Editor convidado: Érico Elias
Colaboradora especial: Livia Capeli
Colaborou nesta edição: José de Almeida

Revisão de texto: Denise Camargo

PUBLICIDADE

publicidade@europanet.com.br

São Paulo

Equipe de Publicidade: Angela Taddeo, Alessandro Donadio,
Elisângela Xavier, Ligia Caetano, Renato Perón e Roberta Barricelli

Outras Regiões

Head de Publicidade Regional: Mauricio Dias (11) 98536-1555

Brasília: New Business – (61) 3326-0206

Santa Catarina: MC Representações – (48) 9983-2515

Outros estados: Mauricio Dias – (11) 3038-5093

Publicidade – EUA e Canadá: Global Media, +1 (650) 306-0880

ASSINATURAS E ATENDIMENTO AO LEITOR

Gerente: Fabiana Lopes (fabiana@europanet.com.br)

Coordenadora: Tamar Biffi (tamar@europanet.com.br)

Equipe: Josi Montanari, Camila Broglio, Regiane Rocha,
Gabriela Silva e Bia Moreira

ATENDIMENTO LIVRARIAS E BANCAS – (11) 3038-5100

Equipe: Paula Hanne (paula@europanet.com.br)

EUROPA DIGITAL (www.europanet.com.br)

Gerente: Marco Clivati (marco.clivati@europanet.com.br)

Equipe: Anderson Ribeiro, Anderson Cleiton e Karine Ferreira

PRODUÇÃO, EVENTOS E MARKETING

Gerente: Aida Lima (aida@europanet.com.br)

Arte: Jeff Silva

Equipe: Beth Macedo (produção) e Laura Araújo (arte)

DISTRIBUIÇÃO E LOGÍSTICA

Coordenação: Henrique Guérche

(henrique.moreira@europanet.com.br)

Equipe: Gabriel Silva e Henrique Kenji

ADMINISTRAÇÃO

Gerente: Renata Kurosaki

Equipe: Paula Orlandini

DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL

Tânia Roriz e Elisângela Harumi

Rua Alvarenga, 1.416 – São Paulo/SP, CEP: 05509-003

Telefone: 0800-8888-508 (ligação gratuita) e

(11) 3038-5050 (cidade de São Paulo)

Pela Internet: www.europanet.com.br

E-mail: atendimento@europanet.com.br

A Revista **Fotografe Melhor** é uma publicação da Editora Europa Ltda.
(ISSN 1413-7232). A Editora Europa não se responsabiliza pelo
conteúdo dos anúncios de terceiros.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL

Total Publicações

Rua Dr. Kenkichi Shimomoto, 1.678, Osasco (SP), CEP 06045-390.

IMPRESSÃO: Grafilar

CARTA AO LEITOR

Se havia algo que desafiava fotógrafos do mundo inteiro antes da era digital era registrar uma imagem com filme diapositivo colorido, chamado de *slide* ou cromo, tido como tarefa para profissionais dos mais gabaritados. Com uma baixa latitude de exposição, o *slide* não permitia erros de fotometria. Esse motivo e o fato de ser caro, tanto o filme como o processo de revelação, o deixava longe de amadores. Eu mesmo só fui conhecer um filme diapositivo quando fazia faculdade de Jornalismo, no começo dos anos 1980. Um colega endinheirado, que tinha uma Nikon F2 (o máximo para estudantes da época), apareceu com um Kodak Ektachrome, se me lembro bem, em uma das aulas de Fotografia e, para matar minha curiosidade, deixou que eu fizesse duas fotos das 12 poses com a câmera dele. Acostumado com filme P&B, achei que não seria tão complicado como ouvira falar. Quase duas semanas, o resultado: as fotos dele estavam razoáveis e as minhas duas, imprestáveis. Estourou tudo.

Só fui conseguir fazer algumas boas imagens com *slide* no começo dos anos 1990 depois de dicas do fotógrafo Mário Bock, quando trabalhamos juntos na revista *Dois Rodas*, especializada em motociclismo. Na época e até o começo dos anos 2000, fotografia colorida para 95% das pessoas era sinônimo de negativo colorido, que tinha uma latitude de exposição bem mais ampla, fora as correções que eram feitas automaticamente nos laboratórios. Quem nunca viajou e, na volta, foi correndo para um shopping center fazer aquela revelação de 1 hora para ter em mãos rapidamente aqueles pequenos álbuns com fotos ampliadas em 10 x 15 cm?

Hoje, na era digital, o que não falta é facilidade para trabalhar com imagens coloridas, que, na minha opinião, são mais desafiadoras do que as em P&B. E, se a exposição não captou bem as tonalidades que você queria, ainda existe a possibilidade de ajustar na pós-produção, principalmente se o arquivo estiver em RAW. Por isso, quando vejo imagens de Walter Firmo ou Luiz Braga feitas na época do *slide* (dois mestres que falam sobre fotografia colorida nesta edição), percebo o quanto eles são craques.

Como você deve ter notado, desde a capa, esta é uma edição dedicada à cor. E, se tem um cara que sabe transitar nesse mundo com muita ousadia, é o franco-húngaro (e quase brasileiro) Pol Kurucz, que faz produções criativas com um paleta saturada, composta quase sempre de cores secundárias berrantes. E, pasme, ele resolve tudo com luz e gelatinas coloridas, quase nada de tratamento no Photoshop (confira na pág. 40).

Aprenda, informe-se e divirta-se. Boa leitura.



Juan Esteves

Sérgio Branco

Diretor de Redação

branco@europanet.com.br

NOSSO OBJETIVO É A EXCELÊNCIA. ENTRE EM CONTATO



LIGAÇÃO GRATUITA

0800 8888 508

GRANDE SÃO PAULO

(11) 3038-5050



FALE COM A REDAÇÃO

(11) 3038-5114

FOTOGRAFE@EUROPANET.COM.BR



SITE EDITORA EUROPA

europanet.com.br

SITE REVISTA FOTOGRAFE

fotografamelhor.com.br

EDIÇÕES DIGITAIS

- EuroClube
- GoRead
- Tim Banca
- Claro Banca
- Oi Revistas
- Clube de Revistas
- Bancah
- UOL Banca
- Nuvem do Jornaleiro
- Revistarias
- Mais Banca
- Magzter
- Ubook
- Bookplay



Ano 24
Edição 287
Agosto/2020

Foto de capa:
Pol Kurucz

Lucas Rodrigues Dutra



14

6

Grande Angular

Notícias e novidades

14

Fotografia de criança

O talento de Lucas R. Dutra

20

MAGIA DA COR

Caminhos para a criação autoral

32

A cor na fotografia

Filme colorido demorou a se firmar

40

Ousadia na paleta

O trabalho criativo de Pol Kurucz

48

Documentário

Ratão Diniz na cola dos bate-bolas

56

Tratamento de cor

Dicas de um grande especialista

Walter Firmo



Sergey Prokudin-Gorsky



Pol Kurucz



40

Ratão Diniz



48



Fotos: Divulgação



A Canon EOS R5 é mais avançada e custa mais caro que a EOS R6

As duas têm sensor full frame, mas o modelo R5 é mais avançado do que o R6; com elas, a Canon anunciou seis novas lentes da série RF

Canon apresenta mirrorless R5 e R6

A Canon apresentou em julho de 2020 as aguardadas EOS R5 e EOS R6, duas câmeras mirrorless de sensor full frame com recursos de ponta. Ambas vêm dotadas de processador Digic X, de última geração, que está por trás dos recursos robustos. Entre os dois modelos, a EOS R5 é mais avançada, com resolução de

45 MP, capaz de captar vídeo RAW 8K em até 30p, além de oferecer visor eletrônico OLED de 5,7 milhões de pontos e monitor articulado de 3,2 polegadas (2,1 milhões de pontos). Já o modelo R6 vem com sensor de 20,1 MP, filma em resolução máxima de 4K 60p, tem visor eletrônico de 3,69 milhões de pontos e monitor articulado de 3 polegadas (1,6 milhões de pontos).

A EOS R5 tem sensor com resolução de 45 MP contra 20 MP da R6





Ambas têm monitor articulado e sensível ao toque, mas o da R5 (à esq.) é um pouco maior do que o da R6

Nos demais recursos, os modelos são equivalentes. Trazem novo sistema de foco Dual Pixel CMOS AF II, que tem 100% de cobertura, composto de 1.053 zonas. Uma grande novidade é o sistema de foco por detecção de olhos, que funciona com humanos e animais (pode ajudar muito fotógrafos de natureza e de pets). O sistema de estabilização de imagem é construído no próprio corpo

e possui 5 eixos. Em ambas há conexão sem fio, Wi-Fi e Bluetooth.

A EOS R5 vem com entradas para um cartão de memória padrão SD e outro no novo padrão CFexpress. Seu preço no mercado norte-americano é de US\$ 3,9 mil, apenas o corpo, e US\$ 5 mil, no kit com a lente RF 24-105 mm f/4 L IS USM. Já a EOS R6 tem preço na faixa dos US\$ 2,5 mil, apenas o corpo, e US\$ 3,6 mil,

no kit com a 24-105 mm.

Além disso, a Canon lançou ainda seis objetivas na série RF, uma normal fixa, uma meia-tele fixa, duas lentes com zoom e duas supertelefixas: 50 mm f/1.8 STM, 85 mm f/2 Macro IS STM, 70-200 mm f/4L IS USM, 100-500 mm f/4.5-7.1L IS USM, 600 mm f/11 DO IS STM e 800 mm f/11 DO IS STM. Para completar, anunciou os novos teleconversores RF 1.4x e 2.0x.

Quatro das novas lentes da série RF: 85 mm f/2 macro, 100-500 mm f/4.5-7.1, 600 mm f/11 e 800 mm f/11





Joanna Lentini

Flagrante subaquático deu o Grande Prêmio para fotógrafa americana

PREMIAÇÃO DE FOTOS DE AVES

Abaixo, as imagens premiadas nas categorias Profissional (à esq.) e Amador, de Sue Dougherty e Gail Bisson, respectivamente

O Audubon Photography Awards, premiação voltada para a fotografia de aves que recebeu cerca de 60 mil inscrições, anunciou o resultado de sua edição 2020. O Grande Prêmio ficou com a fotógrafa americana Joanna

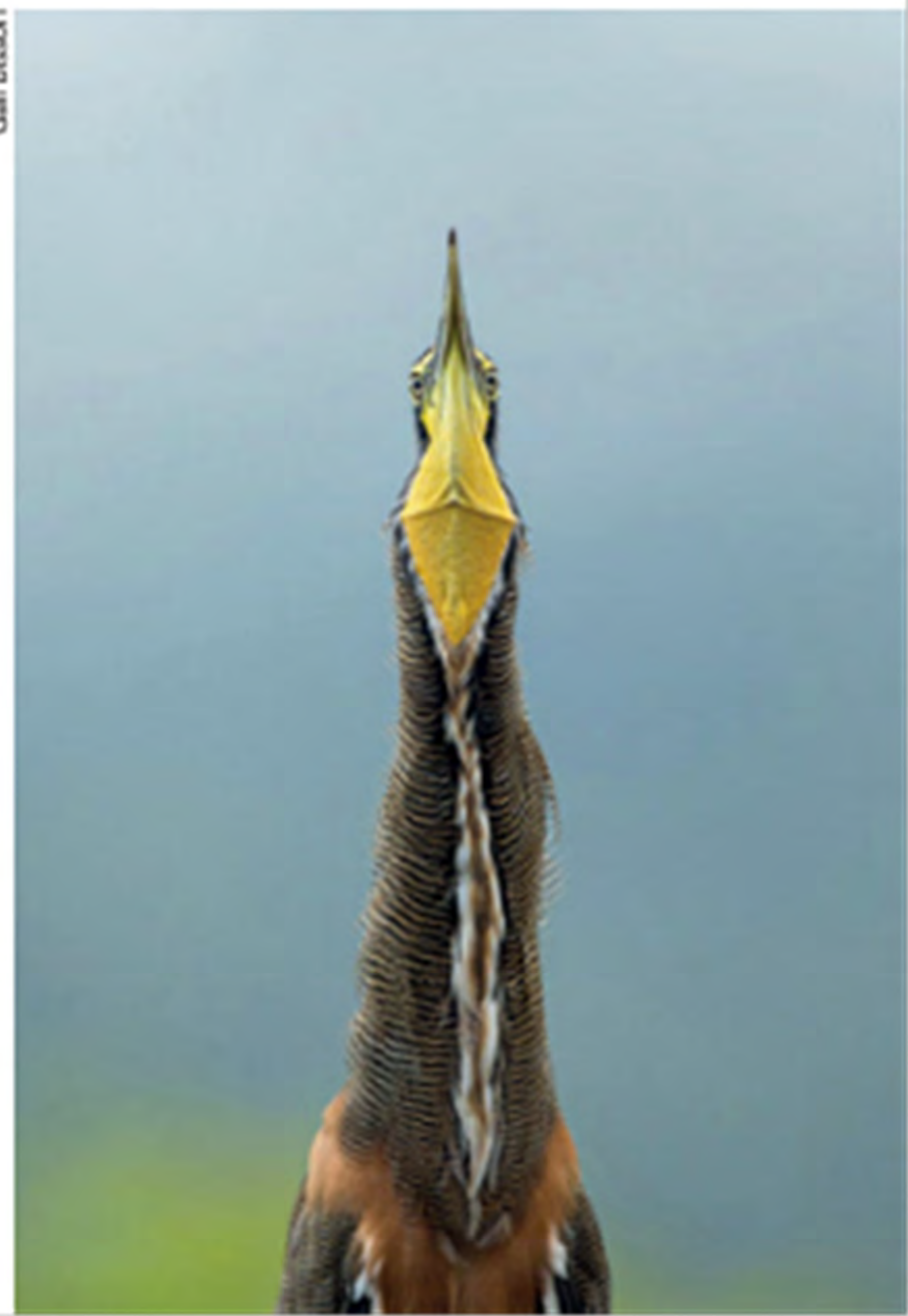
Lentini, por imagem subaquática, que mostra um corvo-marinho-de-orelhas mergulhando em busca de comida nas águas de Los Islotes, no México.

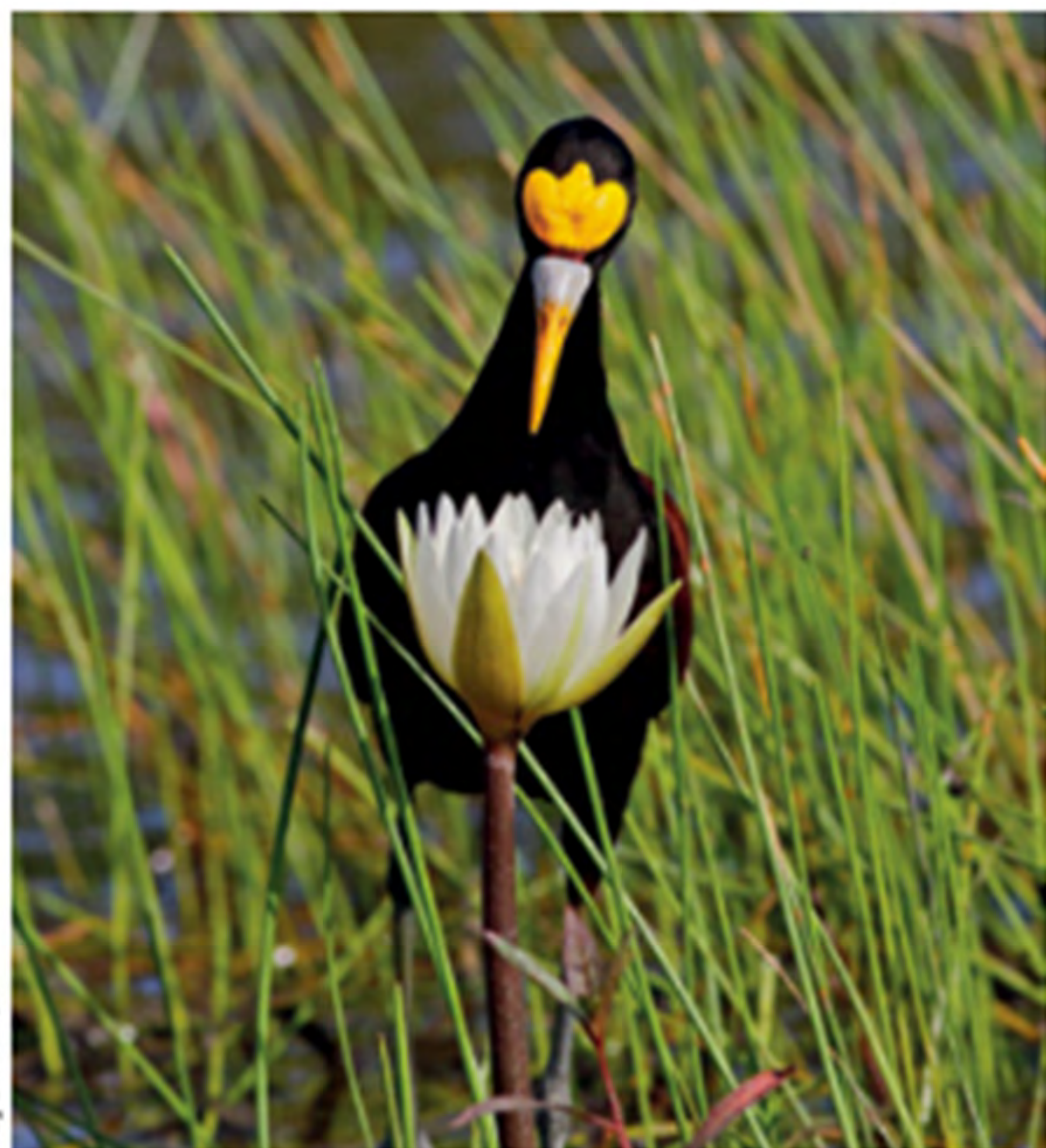
Além do Grande Prêmio, foram indicados ganhadores em outras



Sue Dougherty

Gail Bisson





Vayun Tiwari

Acima, a foto ganhadora da categoria Plantas para Pássaros, de Travis Bonovsky

Ao lado, imagem vencedora na categoria Jovem Fotógrafo, de Vayun Tiwari

cinco categorias. Na categoria Profissional, a fotógrafa americana Sue Dougherty foi a ganhadora, com foto de uma fragata capturada em Galápagos, no Equador. A canadense Gail Bisson venceu a categoria Amador com a curiosa imagem de um tigrisoma (parente do socó brasileiro) feita no Rio Tárcoles, na Costa Rica.

Já na categoria Jovem Fotógrafo o ganhador foi o americano Vayun Tiwari, com foto de uma jaçanã-do-norte em um

pântano de Belize. A premiação contou ainda com as categorias Pescador, cujo primeiro lugar foi para a americana Marlee Fuller-Moris, com foto de um pássaro não identificado mergulhando em um riacho no Parque Nacional de Yosemite, nos EUA, e Plantas para Pássaros, vencida pelo americano Travis Bonovsky com imagem de um pintassilgo fêmea com a cabeça enfiada em uma planta, captada em um parque regional do Mississippi, também nos EUA.

Continue fotografando...



Nós cuidamos do
Seguro do seu
Equipamento.

KERTZMANN
seguros

Seguro de Equipamentos
Para Fotógrafos
Profissionais e Amadores

Cobertura ampla,
nacional e internacional

Fácil de contratar,
atendimento pessoal
e on-line

www.kertzmann.com.br

Equipamentos Fotográficos
que podem ser segurados:

câmeras



lentes



flashes



Equipamentos
de estúdio



acessórios
diversos



computadores
e notebooks



11 3259-2244

kertzmann@kertzmann.com.br

Av. São Luiz, 140 - Loja 3 - Centro
São paulo - SP - CEP: 01046-908

ISOLAMENTO EM FAMÍLIA VIRA LIVRO

A necessidade inesperada de isolamento social surgida com a pandemia do novo coronavírus levou o fotógrafo de natureza João Marcos Rosa a produzir um trabalho singelo e original dentro das fronteiras de sua própria casa. Impedido de viajar para cobrir as pautas como colaborador da *National Geographic Brasil*, o fotógrafo passou 92 dias seguidos em quarentena com sua mulher, a jornalista Ana Paula Carvalhais, e com o filho Benjamin, de 6 anos.

As imagens que registram o isolamento em família e a natureza no entorno da casa, situada em Nova Lima (MG), foram reunidas

Benjamin, filho do fotógrafo, durante um banho de rio na quarentena

no livro *Diário de um Outono Particular*, publicado pela editora Vento Leste. "Foi um encontro com as coisas mais simples e belas que estão ao nosso redor. Elas tratam de atenção e presença. E apontam para uma busca pela natureza, pela infância e pela beleza encontrada em pequenos tesouros do nosso

Capa do livro, que reúne fotos de 92 dias de isolamento

cotidiano", sintetiza João Marcos Rosa. O livro custa R\$ 80 e pode ser adquirido por meio do site ventolestelivraria.com.



Animais encontrados no terreno da casa, como lagartos e beija-flores, foram registrados



Foto: João Marcos Rosa



PARATY EM FOCO PASSA PARA OUTUBRO

Giancarlo Mecarelli, criador e organizador do Festival Internacional de Fotografia Paraty em Foco, anunciou as novas datas para a realização do evento: de 21 a 25 de outubro de 2020. Segundo ele, 80% do festival terá programação *online* e 20% presencial, mas com todos os protocolos de segurança determinados pelas autoridades sanitárias.

A parte presencial do Paraty em Foco deverá ser restrita a algumas exposições, como a da Convocatória em Foco, cujas inscrições de fotos únicas e ensaios foram prorrogadas até 15 de setembro. Segundo Mecarelli, duas das mesas de entrevistas também devem ser realizadas na cidade para o público, em local ainda a ser definido.

As demais entrevistas, assim como masterclasses e leituras de portfólio, serão feitas via internet. No caso de entrevistas com fotógrafos estrangeiros, elas serão gravadas para posterior colocação de legendas e exibidas dentro da programação do festival, com o convidado ficando *online* apenas para responder a perguntas do público após a apresentação.

FOTO DO MÊS ARFOC-SP

PERIGOS DA REABERTURA



Roberto Perizotti

A cruz formada na faixa para deficientes parece alertar para as consequências

Roberto Perizotti, de 64 anos, atua como fotógrafo *freelancer* para o movimento sindical desde 1984. Diante do avanço da pandemia do novo coronavírus no Brasil, ele passou a cumprir quarentena na quitinete onde mora sozinho, na região da Avenida Paulista, em São Paulo (SP), saindo eventualmente para andar de bicicleta ou fazer compras.

Foi em um desses passeios que uma cena curiosa chamou a sua atenção. O Shopping Cidade São Paulo havia acabado de reabrir, no dia 13 de junho de 2020. Poucas pessoas entravam resabiadas e

funcionários controlavam o acesso com termômetros para medir a temperatura corporal. Perizotti olhou para o chão e reparou que a faixa que serve de guia para deficientes visuais formava uma cruz. Não teve dúvida e, com seu iPhone 7 Plus, fez alguns cliques.

A imagem escolhida da série foi publicada no site *Fotos Públicas* e teve grande repercussão, sendo escolhida como foto destaque da semana. Simboliza o prenúncio das consequências de uma reabertura do comércio sem o devido controle da pandemia.



SEGURO PARA
EQUIPAMENTO DE:

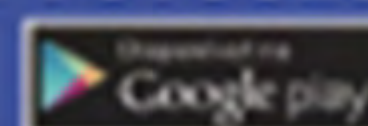
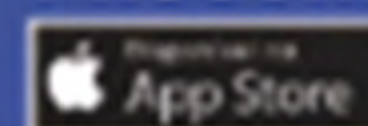
FOTOGRAFIA
VÍDEO E DRONE
[RETA E CASCO]

COBERTURAS

ROUBO
FURTO QUALIFICADO
DANOS FÍSICOS
DANOS ELÉTRICOS
DANOS POR ÁGUA

COBERTURA INTERNACIONAL

CONTRATE SEU SEGURO
PELO APLICATIVO
PROCURE: FOTOSEG



MESMO SEM NOTA FISCAL

ATENDEMOS EM TODO BRASIL



11 95328.6502 / 95328.0169



seguros@fotoseg.com.br

FOTOSEG.COM.BR

Fotos: João Farkas

JOÃO FARKAS LANÇA LIVRO SOBRE O PANTANAL

Foram dez viagens ao Centro-Oeste em um período de cinco anos para que o fotógrafo João Farkas fizesse o livro *Pantanal*, lançamento das Edições Sesc São Paulo. Com 160 páginas e 80 imagens, a obra foi um desafio ao tradicional estilo de documentação do fotógrafo. "Por ser muito fotogênico, esse ecossistema foi objeto de muitos ensaios. Não valeria a pena fazer um livro com os mesmos aspectos ou com a mesma visão. É um olhar autoral com imagens que fogem do documental e trazem uma visão pessoal, por vezes idílica, por vezes dramática", informa o autor.

No livro, as fotos procuram transmitir a complexidade da região

pantaneira, perpassando uma simbiose particular entre o bioma e a vida humana. Ao mesmo tempo em que instiga mistério e distanciamento, Farkas remete a um assunto amplamente discutido e em evidência: as ameaças e transformações do Pantanal por conta do assoreamento dos rios, de queimadas e da mudança climática. "Incluí imagens das consequências dessas alterações ao lado de fotos espetaculares e pouco conhecidas de alguns aspectos da região, como a floresta de buritis, as lagoas do Rio Paraguai e a fantástica florada dos ipês", comenta Farkas.

Para o fotógrafo, filho do mestre Thomas Farkas (1924-2011), cada

Acima, foto aérea de trecho do Rio Perdido, na Serra da Bodoquena; ao lado, a capa do livro

bioma exige uma aproximação visual diferente devido à amplitude e horizontalidade radicais. "Lá, as coisas estão muito próximas ou muito longe do ponto de vista do fotógrafo. Acho que foi isso que acabou me levando a uma visão aérea, quando a composição se torna interessante, sem a onipresença do horizonte", explica. O preço do livro é de R\$ 150.



Abaixo, área de mineração na região de Poconé (MT) e um vaqueiro pantaneiro que cuida do gado com sua mula



MOMENTOS SÃO
ÚNICOS

IMAGENS TAMBÉM



A PRIMEIRA EOS REBEL A GRAVAR EM 4K!
Nova Canon EOS Rebel SL3 com Lente EF-S 18-55mm
24,1 MP • Grave Vídeos em 4K e Time-Lapse



PREMIUM KIT Canon. Para começar com o pé direito.
DSLR EOS Rebel T7 com lente 18-55mm IS II + 55-250mm IS II
24,1 MP • Vídeo em Full HD (1080p)
Tela LCD de 3 polegadas • Conectividade WiFi e NFC



Mais que demais.
GoPro Hero 8 Black
12 MP + SuperFoto com HDR aprimorado
Vídeo 4K 60 fps

Compre pelo site:

ANGELFOTO.COM.BR



R. 7 de Abril, 125; Lojas 29/31 – Centro – São Paulo – SP
Tel.: 11 3257-3498 | 3259-5450 • vendas@angelfoto.com.br

22 ANOS
DE SUCESSO!

ANGEL
EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS

O fotógrafo gaúcho
faz produções com
crianças dando muita
atenção a detalhes
que fazem a diferença



Fotos: Lucas Rodrigues Dutra



ROUPAS

Os figurinos usados nas fotos são feitos sob medida a pedido do fotógrafo

Pinceladas com luz

Com um estilo delicado e composição impecável, jovem fotógrafo gaúcho especializado em fotografia de crianças produz imagens que lembram pinturas e ilustrações antigas

POR LIVIA CAPELI

Em vez de um ensaio tradicional, a ideia é produzir algo mais artístico, valorizando o figurino, a locação, os objetos de cena e até os estilos de penteados. Tudo pensado para construir uma sessão de fotos com identidade e genuinidade. É assim que o jovem fotógrafo Lucas Rodrigues Dutra, também conhecido como Lucca, de 25 anos, enxerga a fotografia infantil: como uma pintura.

Com um olhar apurado e muita habilidade em pós-produção (desenvolvida ao desenhar e colorir histórias em quadrinhos no computador), o gaúcho cria retratos de crianças com estilo poético usando referências de grandes artistas da ilustração, como os americanos Henry Hintermeister (1897-1972), Norman Rockwell (1894-1978) e Jim Daly, de 69 anos, e inspirado no trabalho de fotógrafas europeias, como Elena Shumilova e Karina

Kiel, ambas russas, que têm em comum a abordagem *vintage* romântica, com edições primorosas das imagens e atmosfera encantadora nas locações. Ao construir sua própria identidade, Lucca tem ganhado visibilidade tanto no mercado para ensaios pessoais quanto no de publicidade e moda infantojuvenil.

Natural de São Luiz Gonzaga, no interior do Rio Grande do Sul, Lucca descobriu a paixão por fotografia aos 19 anos, ainda na faculdade de Design Gráfico, mesma época em que começou a produzir fotos para uma loja da cidade especializada em roupas infantis. Depois, mudou-se para uma cidade maior, Jaraguá do Sul (SC), e trabalhou por um curto período como assistente de fotografia em um estúdio especializado em catálogos de moda para grandes marcas infantis. Confiante em seu estilo, Lucca passou a oferecer ensaios pessoais no estilo artístico.



Menino posa com seu cãozinho de estimação (à esq.) e ensaio com os atores mirins Pietra Quintela e Theo Medon

PESQUISA REFORÇA A CRIAÇÃO

●● Gosto de usar bichinhos nas sessões de fotos, pois as crianças interagem com eles e isso me ajuda na hora de dirigir a cena ●●

Lucas Rodrigues Dutra

Ao focar apenas no segmento de fotografia infantil, Lucca passou algum tempo observando o que o mercado nacional não oferecia. "Há muitos profissionais no Brasil fazendo mais do mesmo. Comecei a pesquisar trabalhos de fotógrafos poloneses e russos para me inspirar e oferecer algo diferenciado", explica. Outro passo foi criar um *mood board* (em português, painel semântico). O método, trazido das aulas na faculdade de Design, sugere criar um quadro de referências visuais (com cores, texturas, formas e cenários) representando a emoção e contextualizando com o estilo de vida no qual o produto de moda se enquadra em relação ao público. "Pesquisei imagens de referência de

fotógrafos e artistas estrangeiros. Salvo tudo de que gosto em pastas organizadas no computador. Esse é meu painel semântico. Quando surge um projeto novo, basta acessar os arquivos", relata.

Foi assim que ele criou o conceito para o ensaio autoral com os atores mirins Pietra Quintela e Theo Medon, da novela *As aventuras de Poliana*, do SBT. O trabalho proporcionou maior visibilidade ao fotógrafo, tanto nas redes sociais quanto na mídia internacional, pois foi publicado na revista americana *Summerana*, especializada em fotografia profissional, na edição de maio de 2020.

O conceito do ensaio foi inspirado na cultura americana Amish. Para isso, Lucca fez uma ampla pesquisa para produzir



os figurinos e buscar a locação ideal. Ele explica que uma costureira criou um *look* para Theo e outro para Pietra, ambos baseados em um editorial de moda da revista *Jute Magazine*. Os acessórios e adereços do ensaio foram trazidos por uma produtora de moda que é amiga das mães do casal de atores mirins.

Para viabilizar o trabalho artístico comercialmente, Lucca atende aos ensaios pessoais de três formas: o primeiro é

oferecer a sessão personalizada para o cliente com um pacote que prevê produção exclusiva, com confecção de figurino e um dia inteiro da agenda do fotógrafo; a segunda opção são as sessões temáticas, trabalhando datas comemorativas (Natal, Dia das Crianças, Páscoa...); a terceira são os ensaios em grupos, quando ele costuma viajar até uma locação e reunir clientes interessados em dividir a agenda dele naquele determinado período.

Acima e abaixo, ensaio com irmãos: o fotógrafo gaúcho oferece sessões personalizadas, ensaios temáticos e sessões em grupo para otimizar sua agenda





Acima, foto de um ensaio temático de Natal com irmãos; Páscoa e Dia das Crianças são outras datas comemorativas que têm demanda

FIGURINOS SOB MEDIDA

O fotógrafo tem parceria de uma costureira profissional, que faz a confecção dos figurinos. Como Jaraguá do Sul (SC) é um dos mais importantes centros têxteis do Brasil e também polo de moda infantil, a mão de obra é barata, assim como aviamentos e tecidos. Nos ensaios temáticos, por exemplo, ele

normalmente realiza uma pré-venda e assim consegue prever tamanho de roupas e quantidade de figurinos a serem criados. "No Natal de 2019 fizemos cerca de 50 figurinos e comprei até uma máquina de neve para o ensaio. Tenho malas e guarda-roupas cheios que vou reciclando conforme a necessidade", conta.



Arquivo Pessoal

Uma das fotos (à esq.) e o making of do ensaio *Infanzia D'Oro* feito por Lucca



Para garantir uma produção autoral, ele mesmo cuida da escolha de tecidos, linhas, botões e tudo o que é necessário para a modelagem das roupas. Segundo ele, a textura do tecido precisa ser nobre, não pode parecer industrializada, o que transparece no resultado. Por isso, ele evita que o cliente leve roupas da própria criança para o ensaio.

Enquanto os ensaios temáticos ocorrem em estúdio, a maioria dos ensaios personalizados ou em grupo acontece em locações externas, normalmente em chácaras, sítios e fazendas, fugindo de parques urbanos, que mesmo com grandes áreas gramadas não conferem o resultado proporcionado com a relva do campo, segundo Lucca. Outro recurso muito usado é ter bichos (patinhos, pintinhos e coelhos) na composição. "Além de ajudar na hora de dirigir, pois as crianças costumam interagir bem com eles, proporcionam um grande apelo sentimental ao retrato", diz Lucca, que geralmente fotografa crianças com idades entre 3 e 12 anos, faixa que entende bem a direção de cena.

Lucca adaptou a técnica de colorir histórias em quadrinhos no computador à pós-produção dos retratos infantis que faz. Assim, consegue efeitos que se assemelham a pinturas antigas, tanto nos estilos de

textura quanto na tonalidade. Ele explica que as capturas são feitas em RAW e o processo de *workflow* de cada foto ocorre primeiramente no Adobe Camera Raw, no qual é feito ajuste de exposição e controle de luminosidade. Depois, o tratamento continua no Photoshop com um *plugin* Nik Collection para aplicar filtros de cores de intensidade. Ele também usa o software Gimp, responsável pelo tratamento de pele. Outra técnica são as fusões de imagens para acrescentar objetos na cena ou alterar fundos (como a foto do menino marinheiro).

O fotógrafo usa uma Sony Alpha a99 e as lentes Sony 28-75 mm f/2.8 e 135 mm f/1.8 e uma antiga zoom mecânica Minolta 80-200 mm f/2.8 (usada para produzir a imagem da menina com o patinho). Para ensinar como faz seu trabalho, Lucca tem dado cursos e workshops (*online* e presenciais) para interessados no tema fotografia artística infantil. Para saber mais, acesse: www.luccastudios.com.br ou @lucca.studios nas redes sociais.

Acima, menina interage com um patinho levado pelo fotógrafo (à esq.) e menino de marinheiro com um fundo aplicado na pós-produção

Lucas R. Dutra tem 25 anos e formação em Design Gráfico



Imagem intitulada *Bilheteria*, do paraense Luiz Braga, captada em 1987 com filme diapositivo (slide)

Luiz Braga

A cor na criação autoral

Veja como explorar a cor em trabalhos pessoais e aprenda com o processo criativo de Walter Firmo, Luiz Braga, Ana Carolina Fernandes e Nilo Biazetto Neto

POR JOSÉ DE ALMEIDA E ÉRICO ELIAS

Fotografar o mundo em cores é um ato corriqueiro, que não exige muita reflexão. Fotografar o mundo em cores é um desafio, pois implica traduzir as cores observadas por meio do uso da câmera e de uma abordagem subjetiva. Ao destacar elementos coloridos em uma imagem, contrapor cores complementares e combinar tonalidades próximas entre si é possível desenvolver uma sintaxe visual própria e autoral – conforme atestam Walter Firmo, Luiz Braga, Ana Carolina Fernandes e Nilo Biazetto Neto, fotógrafos com trabalhos coloridos de destaque (veja a partir da pág. 24).

Deve-se ter em conta que as cores surgem associadas a sentimentos, expressões que podem ir da sensação de estímulo e perigo, causada pelo vermelho, até a percepção reconfortante, serena e fria do azul. Além disso, quem pretende desenvolver um trabalho autoral colorido precisa ter em mente que há dois sistemas de síntese de cores, a aditiva e a subtrativa. A síntese aditiva explica a formação das cores pela luz emitida e também pela maneira que os olhos e os sensores das câmeras as reproduzem. Já a síntese subtrativa se aplica aos objetos que refletem cores (ou seja, absorvem parte das cores que recebem e só refletem as

outras) e à impressão. Nesse sistema, é a adição das cores secundárias que permite obter as primárias.

Conhecer o conceito de cores primárias, secundárias e complementares possibilita trabalhar com o círculo cromático. Nele, as cores primárias estão dispostas em ângulo de 120° uma em relação à outra, em alternância com as secundárias. Assim, cada cor é oposta à sua complementar e as cores próximas formam conjuntos cromáticos. Saber usar o círculo cromático torna mais eficiente harmonizar as cores na composição da imagem, pois permite imaginar as relações entre elas.

Imagem feita por
Walter Firmo, um
mestre no uso da cor
na fotografia brasileira
desde os anos 1960

FORÇA

O vermelho
é a cor que mais
se destaca em
meio às demais e
sempre atrai o
olhar

Nilo Biazetto Neto



Nilo Biazetto
Neto transformou a
luminária em detalhe
amarelo contra um
fundo azul, duas cores
complementares

*Todo fotógrafo
que planeja fazer
um trabalho
autoral colorido
precisa estudar a
teoria das cores e
ter em mente as
combinações
oferecidas pelo
círculo cromático*

O círculo cromático é composto de 12 cores: três primárias, três secundárias e seis terciárias. É um guia para a identificação rápida das cores complementares, das análogas e da possibilidade de combinações na hora de compor uma cena. É extremamente útil para a fotografia e deve ser estudado por fotógrafos que têm como objetivo desenvolver um trabalho autoral em cores.

Nele, a divisão cromática reúne as cores primárias (azul, vermelho e amarelo), as secundárias (verde, laranja e violeta) e as terciárias (roxo-avermelhado, laranja-

avermelhado, laranja-amarelado, verde-amarelado, verde-azulado, roxo-azulado). As três cores primárias não podem ser obtidas por meio de outras. Já as três cores secundária são formadas pela mistura das primárias.

Estudos científicos comprovam que a cor pode influenciar o humor do ser humano, ou seja, pode ser uma ferramenta interessante para trabalhos autorais – desde que o fotógrafo tenha algum domínio da psicologia das cores. A partir desses estudos, surgiram significados, que se relacionam com sentimentos ou práticas.

Entre as cores que mais se destacam na fotografia, o poderoso vermelho pode ser relacionado, entre outras coisas, a excitação, estímulo, perigo, prazer, provocação, paixão, elegância, liderança e violência; o verde, a frescor, natureza, riqueza, harmonia, coerência, juventude, esperança, vigor e raiva; o azul, a confiança, segurança, serenidade, lealdade, lucratividade, tranquilidade e frieza; o amarelo, a otimismo, calor, claridade, felicidade, fortuna, descontração, criatividade, alegria e insegurança; o preto, a poder, luxo, força, elegância, nobreza, mistério, dignidade

Aqui, Walter Firmo
usou uma cor fria em
uma imagem quase
monocromática



Walter Firmo



No interior da casa da mulher ribeirinha, Luiz Braga encontrou o verde e o vermelho, cores complementares entre as mais usadas

e medo; o branco, a pureza, limpeza, inocência, paz, sinceridade, espiritualidade, harmonia e verdade.

COR E COMPOSIÇÃO

Quando o fotógrafo faz a composição de uma cena, pode usar as cores como ferramenta para criar pontos de interesse a partir do contraste entre elas. Os pares complementares mais usados são o azul com o amarelo e o vermelho com o verde, que ocupam áreas opostas no círculo cromático. Nesse jogo de nuances, as cores quentes sempre parecem que se movimentam à frente de outros tons, enquanto as frias criam a sensação de que se movem para trás. Por isso, cores quentes sempre chamam mais a atenção do observador do que as cores frias, que funcionam muito bem como fundo.

Uma solução muito comum para atrair o olhar do observador é usar uma cor primária com destaque na composição contra um fundo de sua cor complementar – ou o preto, ou o branco ou o cinza. O vermelho é o grande exemplo: ganha destaque com a maioria dos fundos coloridos;

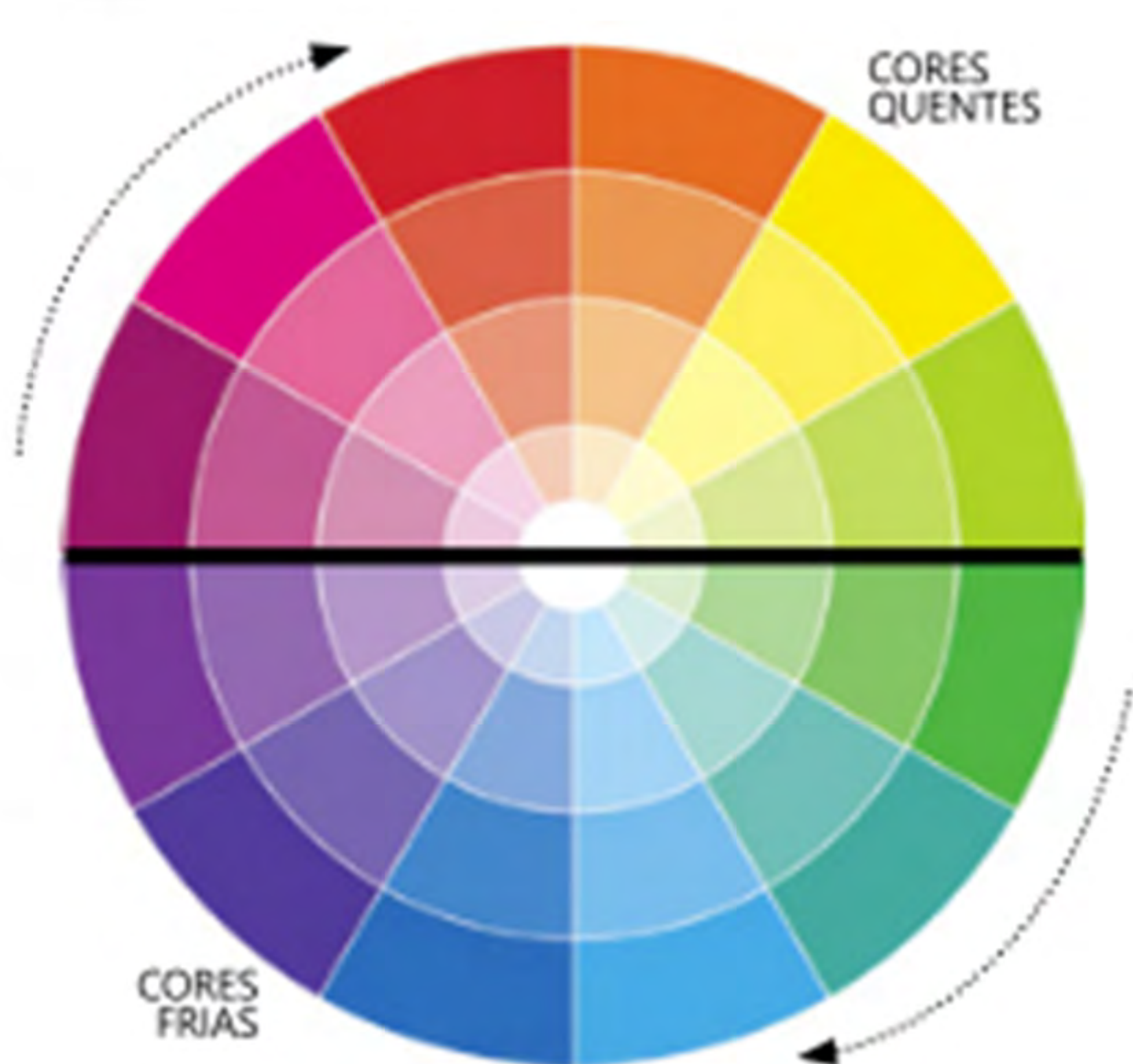
à frente do preto, parecerá mais escuro; diante do branco, mais claro e tendo cinza ao fundo, mais neutro. Contudo, ao buscar uma cor primária para destacar, o fotógrafo deve ter cuidado para não sobrepô-la a outra cor de destaque.

Há várias combinações de cor que geram imagens atraentes, mas é preciso atenção para usar os tons da mesma maneira que os outros elementos da composição, ou seja, buscando contrastes e semelhanças. O contraste pode ser explorado, por exemplo, para valorizar um tema pequeno, de cor viva, isolado em um ambiente quase monocromático. Contudo, é crucial ficar atento a todos os contrastes, pois combinações não desejadas (no caso de elementos que formam manchas coloridas) podem distrair o olhar do observador. Também é preciso ter em mente que zonas mais luminosas sempre chamam mais a atenção do que zonas com menos luz.

Para imagens coloridas monocromáticas, ou seja, em que apenas um tom é dominante na composição, o ideal é associar cores

vizinhas no círculo cromático e trabalhar os contrastes de densidade entre porções claras e mais escuras, enfatizando a noção de profundidade – imagens em P&B são assim, pois o contraste entre o claro e o escuro nos tons de cinza, preto e branco dá um aspecto tridimensional à imagem.

Círculo cromático



O círculo cromático é uma referência para compor imagens coloridas



Walter Firmo diz que escolhe o ponto de vista de acordo com a luz, as cores e as texturas que encontra no ambiente onde vai fotografar

LUZ TROPICAL DE FIRMO

Walter Firmo, 83 anos, está entre os pioneiros do uso da fotografia colorida como expressão autoral no Brasil. Ele integrou a primeira equipe da revista *Realidade*, fundada em 1965 e conhecida pelas grandes reportagens fartamente ilustradas com imagens coloridas. Na poética visão de Firmo, a principal diferença entre cor e P&B está no sentimento: enquanto a cor desperta a paixão, o P&B fala mais à razão.

Ele conta que a origem de sua ligação com a cor remonta à infância: vivendo em uma casa espaçosa com um grande quintal no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, cresceu observando a luz tropical que banhava a vegetação e a montanhosa topografia carioca. Uma estreita ligação com um sentimento de brasilidade. "A cor é para mim substância primordial porque sou filho de um país tropical cujas labaredas diárias me incitam como um

artista da fotografia. Abaixo da linha do Equador tudo é mais bonito", divaga.

Embora venha da escola do fotojornalismo, o trabalho de Walter Firmo é muito comparado ao universo criativo do cinema, pois costuma sintetizar a história em uma cena. Ao chegar a um lugar para fotografar, ele rapidamente apreende as características do local e "prepara a cena", escolhe o melhor ponto de vista segundo as cores e texturas de portas, janelas e paredes, visando extrair o máximo da visualidade popular.

Firmo não usa luz artificial e nunca fotografou em estúdio. Seus horários prediletos são o meio da manhã, entre 8h30 e 10h30, e o meio da tarde, entre 14h30 e 16h30, quando a luz do Sol se projeta lateralmente, porém de forma suave, sem criar muitos contrastes. "A luz difusa de um dia nublado também é muito boa. Costuma ser meu hazy light

No alto, cena de uma Cavallhada nos anos 1970 registrada por Walter Firmo em slide



Fotos: Walter Firmo



de pobre", comenta, fazendo uma alusão aos colegas de estúdio que usam esse tipo de iluminação artificial.

Firmo também ficou conhecido por sua atividade didática. Há 30 anos ele ministra o curso "O Universo da Cor", em diferentes formatos e durações, cuja proposta é a de ajudar fotógrafos

iniciantes a desenvolver um olhar poético voltado à valorização da luz tropical e das tonalidades do Brasil. Cita como suas principais referências dois fotógrafos que utilizaram a cor de maneira inovadora: o austríaco Ernst Haas (veja na pág. 32) e o americano David Drew Zingg, que foi seu colega na revista *Realidade*.

Acima, uma imagem captada já na era digital por Walter Firmo; abaixo, foto feita com *slide* nos anos 1980





Fotos: Luiz Braga

O paraense Luiz Braga descobriu na fotografia colorida uma forma de se afirmar como autor e desde os anos 1980 se destaca como uma referência no Brasil

LUZ CURTA DE BRAGA

Nascido em Belém (PA), Luiz Braga, 64 anos, começou a fotografar de maneira autodidata. Formou-se em Arquitetura, mas a fotografia se impôs desde cedo como área de atuação profissional. Seus primeiros trabalhos foram realizados em P&B e a descoberta da cor foi fundamental para que sua obra ganhasse corpo e projeção. "A cor funcionou como uma ferramenta fundamental na minha afirmação como autor, falando principalmente das coisas da minha terra, porque minha cor tem uma relação telúrica muito forte. A forma como trabalho a cor me permitiu alcançar algo pelo qual sempre me cobrava desde o início da minha carreira: ter uma marca pela qual fosse reconhecido", explica.

A grande marca distintiva do trabalho desenvolvido por Braga a partir do início da década de 1980 esteve na utilização de filme diapositivo colorido calibrado para a luz do dia em momentos de transição no entardecer, o chamado lusco-fusco. Nesse curto espaço de tempo, a luz do Sol se transforma de maneira rápida, as sombras se alongam e a iluminação artificial do ambiente urbano traz colorações inesperadas. "Constituí praticamente toda minha obra pertinho da linha do Equador. Em Belém, a duração dos dias é praticamente igual ao longo de todo o ano. Acho impossível trabalhar em cores em Belém entre as 10h e as 14h, porque a luz é muito dura. A maioria das minhas

No alto e ao lado, fotos que Luiz Braga faz do cotidiano de Belém (PA), quase sempre usando luz do lusco-fusco





Imagem *Fé em Deus*, monocromia em tons de verde feita de dia graças ao recurso *night shot* da câmera e um filtro ND

fotos é feita no final do dia, por volta de 17h30 até as 19h", comenta.

Para ele, fotografar em cor é mais difícil do que em P&B, pois a realidade já é vista em cores pelos olhos e torna-se necessário um empenho maior para conseguir imprimir uma expressão pessoal à imagem. Além disso, o filme ou o sensor não "enxergam" a cena da mesma forma que o olho humano. "A capacidade de olhar para a cena e visualizar o resultado final só vem com esforço, exige muito tempo, dedicação, observação, tentativa e erro. Para isso é necessário se lançar, experimentar. Depois de muita prática, aprendi a enxergar o invisível, a identificar na cena elementos banais que sabia que sairiam representados de forma surpreendente na imagem final", ensina.

Luiz Braga já fez vários experimentos com monocromia a partir do recurso *night shot* de uma câmera digital da Sony e atualmente tem se concentrado no uso de infravermelho. Menciona três referências especialmente importantes na fotografia colorida: o americano Joel Meyerowitz; a inglesa radicada no Brasil Maureen Bisilliat (também da antiga equipe de *Realidade*); e o baiano Mário Cravo Neto – mais conhecido pelos retratos em P&B, mas que revelou a força da sua fotografia colorida no livro *Bahia*, de 1980.



Imagem *Rosa no Arraial*, feita por Luiz Braga em 1990 com *slide*

Fotos: Nilo Biazetto Neto



PALETA

Para Biazetto, a escolha de cores de forma equilibrada não é um processo simples

VISÃO ABSTRATA DE BIAZZETTO

Acima, as cores complementares azul e amarelo em uma cena de rua registrada por Nilo Biazetto em Bogotá, na Colômbia

O paranaense Nilo Biazetto Neto, 46 anos, começou a fotografar em 1994, quando fazia graduação em Publicidade e Propaganda em Curitiba (PR), sua cidade natal. A alquimia do laboratório P&B da faculdade o atraiu e ele passava horas fechado, revelando e ampliando fotos. A cor veio um pouco depois, quando começou a atuar no mercado publicitário, usando cromos 6 x 6 e uma Hasselblad 501CM: "A fidelidade das cores dos cromos era impressionante e aquilo me seduziu", conta.

Para Biazetto, o universo da cor e do P&B é muito diferente, com linguagens distintas, cada qual com seu "dialeto fotográfico". "A decisão de um trabalho ser em cor ou em P&B é definida pelo que o fotógrafo quer dizer. O P&B é mais sóbrio, interessantíssimo para buscar sombras, volumes e texturas. A cor é intensa, com muitas nuances, e cada cor traz sensações diferentes. Para cada trabalho que faço, a escolha da paleta de cores é fundamental", explica o fotógrafo.

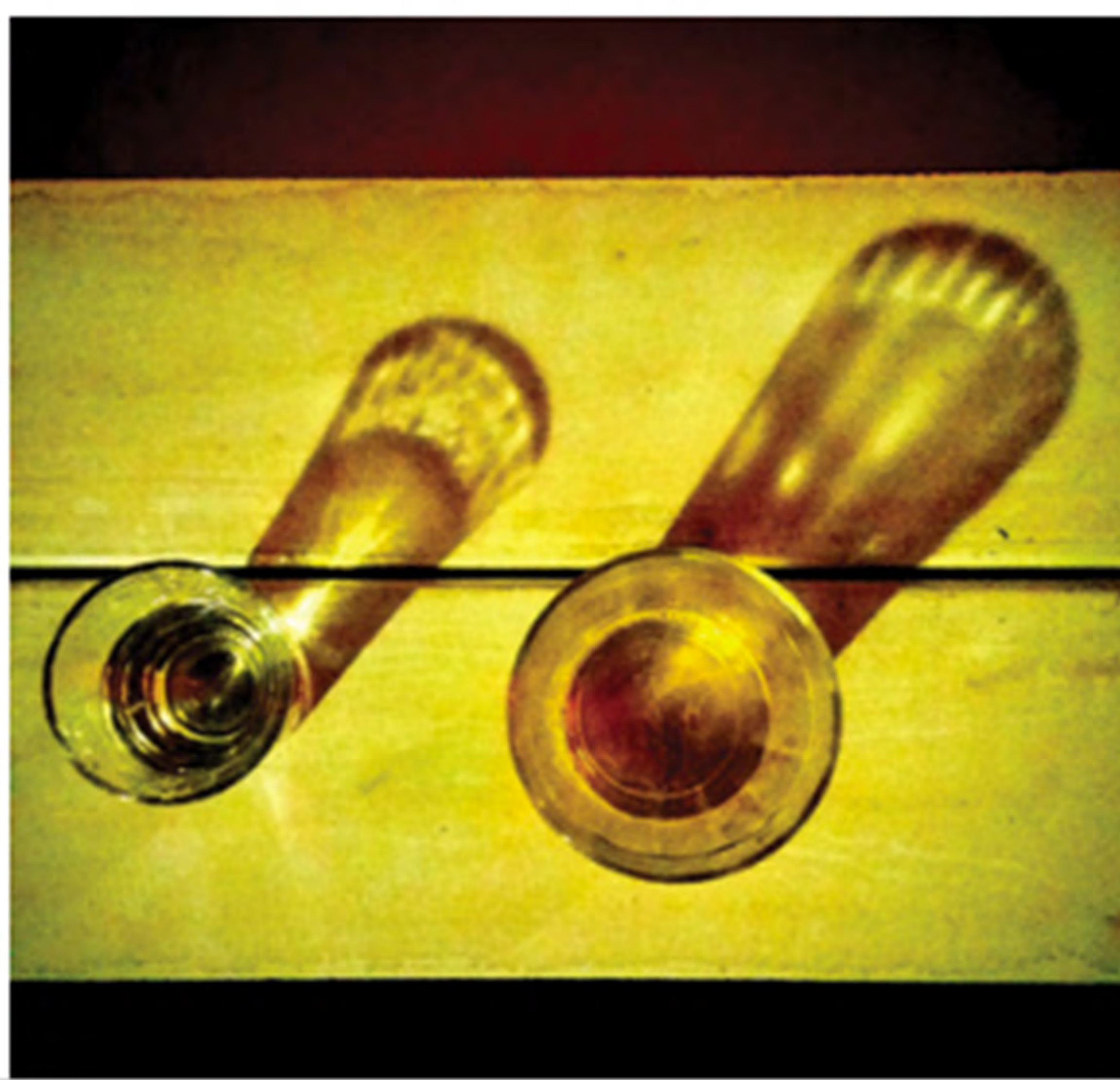




Imagem da série *Paleta de Cores*, na qual Nilo Biazetto volta sua atenção para cenas abstratas que percebe no cotidiano

Biazetto acredita ainda que a composição em cor é mais complexa, pois compor elementos de uma cena e ainda conseguir um equilíbrio de cores não é algo simples. Quando sai para fotografar, se vê atraído pelas cores, que acabam guiando seu olhar na percepção da cena e têm papel decisivo na composição. Ele costuma perceber a cor de forma abstrata, mais ligada aos sentimentos do que aos objetos.

Os diferentes períodos do dia podem ser explorados de acordo com a linguagem que se busca para cada

trabalho, defende. Conta que não tem um período preferido e também não se incomoda com dias nublados, que às vezes trazem as cores com uma intensidade até maior do que os dias ensolarados. "Gosto do lusco-fusco, a hora mágica, com um céu azul muito especial, que contrasta com a luz artificial de uma rua, por exemplo. Já a noite traz a cor de uma maneira bastante singular. Adoro fotografar as ruas de uma cidade iluminada com luzes artificiais", ressalta.

A partir de 2014, Biazetto começou a fotografar com

smartphone e investiu em um bom aparelho. Passou a registrar seu dia a dia em postagens no Instagram, usando as filtragens do próprio aplicativo como forma de tratamento. Desse processo nasceu o ensaio *Primárias*, considerado por ele como um marco em seu trabalho, por envolver uma abordagem poética de seu cotidiano. "Ao organizar meus arquivos, percebi que tinha muito material em tons de vermelho, azul e amarelo. Passei a dividir as imagens em pastas e, depois de dois anos, o projeto de fotos do cotidiano virou uma exposição e uma coleção com três livros: *Vermelho*, *Amarelo* e *Azul*", conta.

Dentre as principais referências da fotografia colorida no Brasil, Biazetto indica Walter Firmo, Luiz Braga e Miguel Rio Branco. Na fotografia internacional, a grande referência para ele é o americano William Eggleston, que imortalizou o colorido das cidades interioranas dos Estados Unidos. Menciona ainda o britânico Martin Parr e dois fotógrafos mais conhecidos pela fotografia P&B, mas que fizeram imagens surpreendentes em cor: o britânico David Bailey, no livro *Havana*, e a americana Vivian Maier, cujas imagens foram descobertas apenas após sua morte.



Na sequência ao lado, detalhes do cotidiano de Biazetto nos tons vermelho, amarelo e azul captados com *smartphone*



A COR DE ANA CAROLINA

No alto e abaixo, duas imagens do ensaio *Mem de Sá 100*, sobre um casarão onde vivia um grupo de travestis: fotógrafa se inspirou em um trabalho colorido de Miguel Rio Branco

A carioca Ana Carolina Fernandes, 56 anos, começou a fotografar profissionalmente no jornal *O Globo*, em 1984. Na época, os jornais diários trabalhavam com filme P&B, o que fez com que ela se acostumasse a projetar o resultado final daquilo que via em tons de cinza. Por isso, para a fotógrafa não há distinção entre os universos da cor e do P&B. Ela tem trabalhos autorais que misturam os dois, casos de *Prainha* e *Mem de Sá 100*.

Para a fotógrafa, o resultado da captura das cores no suporte digital é muito diferente do obtido com filmes diapositivos coloridos. Ela conta que se sente desapontada com o desempenho da captura digital em situações de iluminação direta. "Comecei a fotografar em cor quando passei a trabalhar em revista, usando cromo. A fotografia digital colorida é bem complicada para mim, principalmente com luz solar direta. Os brancos saem estourados, mesmo subexpondo um ponto, como costumo fazer. Por isso, prefiro fotografar colorido na sombra", explica.

O digital também trouxe avanços em outros aspectos. Além de facilitar bastante o trabalho, proporcionando agilidade, trouxe novas ferramentas ao repertório fotográfico. Ana Carolina usa intensamente o iPhone para trabalhos profissionais desde 2012. As capturas realizadas com o *smartphone* geralmente são tratadas no próprio aparelho, com uso de aplicativos como Hipstamatic e Snapseed, que trazem uma série de filtros criativos e permitem obter resultados inesperados.

Um dos trabalhos dela de maior repercussão é o ensaio *Mem de Sá 100*,



MISTURA

Ana Carolina
Fernandes acha
que cor e P&B
podem ser
usados juntos

O verde e o vermelho,
cores complementares, no
ensaio *Mem de Sá 100*

desenvolvido ao longo de dois anos em uma comunidade de travestis que compartilhava um casarão no centro do Rio. A intenção inicial era realizar o ensaio primordialmente em P&B, mas, ao se deparar com o colorido das paredes do casarão, a cor acabou prevalecendo.

Fotografado com câmera digital, teve como inspiração o ensaio de Miguel Rio Branco no bairro do Maciel, no centro histórico de

Salvador (BA), a partir de 1979, usando *slide*. "Os dois trabalhos conversam entre si, mas, para mim, o saturado do filme cromo é muito diferente do saturado do digital. Em muitas fotos tive de diminuir a saturação, pois a cor saía tão intensa que ficava artificial. Também tive dificuldade para chegar a um tom satisfatório para a pele negra no tratamento digital", relata Ana Carolina.

Para ela, o trabalho em cor de Miguel Rio Branco é imbatível no âmbito da fotografia brasileira. Indica outras referências: os americanos Alex Webb e David Alan Harvey, e os brasileiros Alexandre Santana, que fotografa a Amazônia com câmera de médio formato, e a *drag queen* Betina Polaroid, que faz imagens do universo trans usando de forma criativa as cores gritantes com fotografia instantânea analógica em papel.

Imagem Azul da
Cor do Mar, do
ensaio *Prainha*, que
mistura cor e P&B



Sergey Prokudin-Gorsky

Alim Khan, emir de Bucara, no Uzbequistão, em foto de 1911 feita pelo russo Sergey Prokudin-Gorsky

A jornada da fotografia colorida

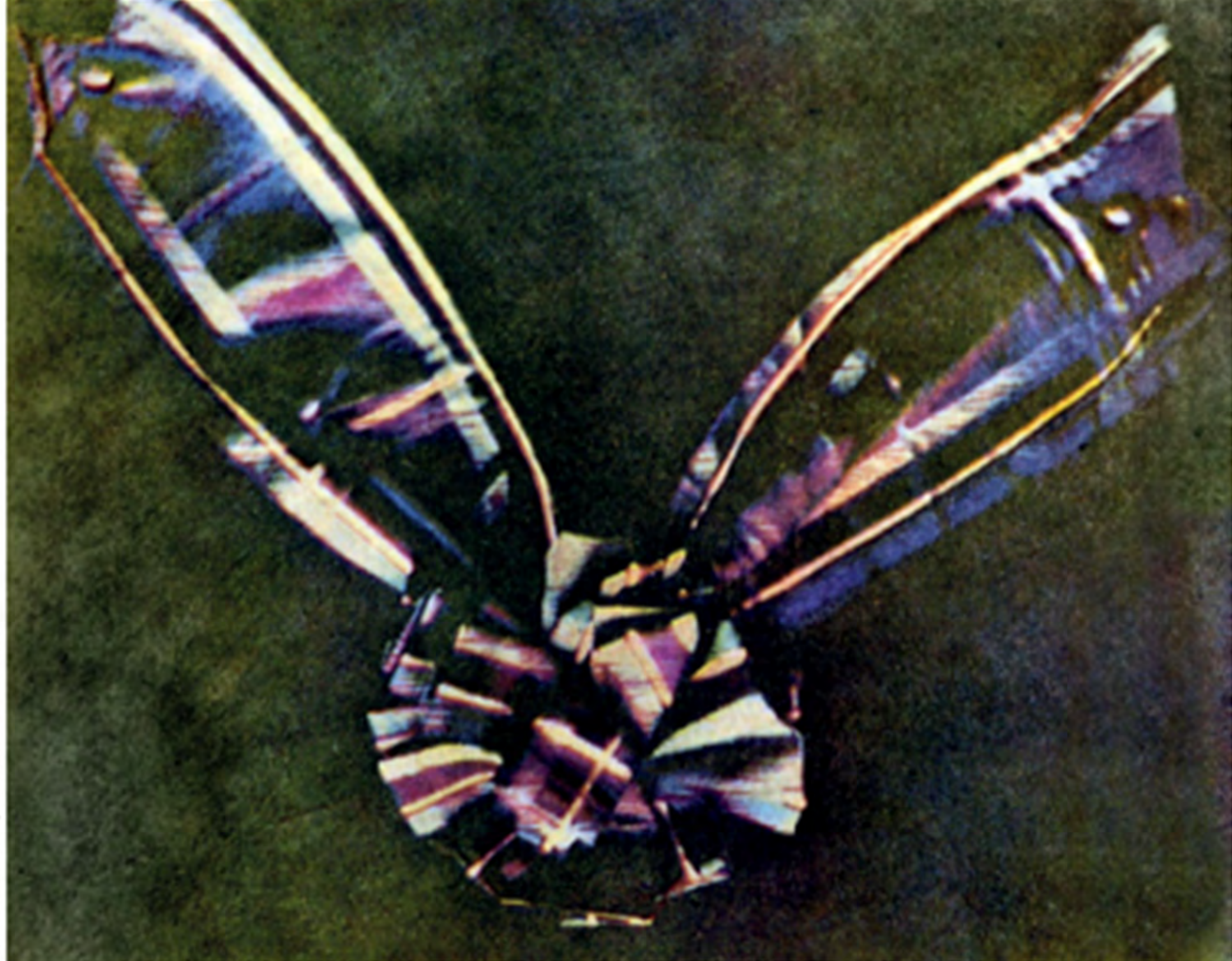
POR JOSÉ DE ALMEIDA

Das primeiras experiências no século 19 à criação do filme colorido, que destacou o olhar genial do austríaco Ernst Haas. Confira e aprenda

Nada mais natural para fotógrafos das novas gerações do que pegar uma câmera digital ou um *smartphone*, captar uma imagem e vê-la colorida. Depois, para torná-la mais "artística", converter para P&B. Essa sugestão de que sempre houve um predomínio da cor na fotografia é enganosa. O filme colorido só se tornou popular a partir dos anos 1970 e, como a era digital se firmou a partir de 2005, pode-se dizer que o período foi de apenas três décadas. Antes disso, o bom e velho

filme P&B ainda dava as cartas.

Embora a maioria do público se contentasse com a imagem monocromática (muito também por uma questão de custo), desde os primórdios da fotografia se perseguia a ideia de mostrar as cores do mundo captadas por uma câmera. Nomes como James Clerk Maxwell, Thomas Sutton, Louis Ducos du Hauron, Sarah Angelina Acland e Sergey Prokudin-Gorsky talvez não lembrem nada ligado à evolução da fotografia se comparados a outros como Joseph Niépce, Louis Daguerre, William



Ao lado, a primeira fotografia colorida, feita em 1861 pelo inglês Thomas Sutton sob orientação do cientista escocês James Clerk Maxwell; abaixo, imagem captada pelo francês Louis Ducos du Hauron em 1877

Fox Talbot, Hercules Florence, George Eastman e Ansel Adams.

Mas os primeiros nomes citados são de pioneiros da fotografia colorida, sendo que o escocês James Clerk Maxwell foi o mais genial de todos. Nascido em Edimburgo, Maxwell (1831-1879), físico e matemático, é celebrado pela elaboração final da teoria do eletromagnetismo, união de eletricidade, magnetismo e óptica –

seu trabalho nesse tema serviu de base para a teoria da relatividade de Albert Einstein.

Cientista do século 19 com mais influência sobre a física do século 20, Maxwell tinha especial interesse na percepção de cores pelo olho humano. Por isso, inventou um filtro de cores triplo (que mais tarde resultaria no sistema RGB) e, nos seus estudos de visão humana e óptica, concluiu que era possível produzir

fotografia em cores sobrepondo três imagens obtidas com filtros vermelho, verde e azul. Para comprovar isso, ele exibiu em 1861, durante uma palestra, a primeira imagem colorida que se tem notícia, feita pelo fotógrafo inglês Thomas Sutton, conforme suas orientações.

O francês Louis Ducos du Hauron (1837-1920) é outro a figurar no time dos pioneiros na fotografia colorida. Du Hauron se dedicou à



L. DUCOS DU HAURON, 1877



Science & Society Picture Library

Eastman Archive

O Autochrome francês foi o primeiro filme colorido a ser comercializado, mas perdeu mercado com a chegada do americano Kodachrome e do alemão Agfacolor

No alto, retrato de um carpinteiro feito com o filme americano Kodachrome em 1942 (à esq.) e mãe e filha fotografadas com o filme francês Autochrome em 1908

criação de formas práticas de produção de imagens coloridas com o uso de cores aditivas (vermelho, verde e azul) e subtrativas (ciano, magenta e amarelo). Ele patenteou os processos em 1868 e no ano seguinte publicou o estudo *Les Couleurs en Photographie*. Seu trabalho mais conhecido em fotografia colorida é a obra "Paisagem no Sudoeste da França", feita com base no método subtrativo em 1877.

As experiências da inglesa Sarah Angelina Acland (1849-1930) com fotografia colorida começaram em 1899. O trabalho inicial foi realizado usando o processo de Maxwell, porém mais evoluído, em que três imagens são captadas separadamente com filtros vermelho, verde e azul e depois transformadas em uma só, colorida. Em 1904, uma série de Sarah fez parte da exposição anual da Royal Photographic Society da Grã-Bretanha. Foram 33 imagens coloridas feitas no ano anterior em Gibraltar, território ultramarino britânico na costa sul da Espanha. Três anos

depois, ela usou o Autochrome, primeiro filme colorido, e produziu várias imagens na Ilha da Madeira, em Portugal.

O russo Sergey Prokudin-Gorsky (1863-1944) dedicou sua vida ao avanço da fotografia colorida, tendo feito estudos com cientistas de renome em São Petersburgo, Berlim e Paris para desenvolver técnicas. Como resultado, conseguiu as primeiras patentes de filmes diapositivos coloridos e de projeção de filmes com movimento. Em 1905, Prokudin-Gorsky iniciou um projeto grandioso de documentar com imagens coloridas a diversidade de história e cultura do então Império Russo para uso em aulas nas escolas.

O FILME COLORIDO

O primeiro filme colorido, o Autochrome, chegou ao mercado em 1907 e foi lançado pelos famosos irmãos Lumière, Auguste Marie (1862-1954) e Louis Jean (1864-1948), mais conhecidos como os inventores do





Acima, imagem colorida feita com o filme alemão Agfacolor em 1936; ao lado, cenário da Ilha da Madeira em 1907 em foto de Sarah Acland

cinematógrafo e tido como "os pais do cinema". O Autochrome se destacou como o principal processo para fotografia colorida no início do século 20 por ser o primeiro comercialmente viável. O sistema se baseava em um mosaico de grãos microscópicos de fécula de batata tingidos em três cores primárias (vermelho alaranjado, verde e azul-violeta) sobre uma placa de vidro, coberta por uma emulsão pancromática – os vãos entre os grãos eram preenchidos com carvão.

Como isso tomava necessário um longo tempo de exposição, o Autochrome geralmente produzia imagens borradas e, somado ao fato de os grãos ficarem muitas vezes visíveis, o resultado lembrava uma pintura impressionista. E havia um problema sério: as placas finais eram escuras e precisavam ser vistas sempre contra a luz.

O negócio dos irmãos Lumière começou a declinar com o lançamento do primeiro filme colorido moderno, o Kodachrome, introduzido em 1935 pela Kodak do americano George Eastman e baseado em três emulsões coloridas. Para



acabar de vez com o Autochrome francês, em 1936 foi lançado o primeiro filme colorido alemão, o Agfacolor.

O Kodachrome, filme diapositivo, foi produzido em diversos formatos para fotografia e cinema (8 mm, 16 mm e 35mm), transformando-se em uma das melhores películas de todos os tempos graças às suas qualidades de reprodução de cor. Mas o filme usava o processo de revelação K-14, tão complexo que existiram apenas 25 laboratórios no mundo capazes de fazer a revelação – o último foi o laboratório Dwayne's Phot, no



Lançado em 1935, o filme diapositivo Kodachrome demorou a fazer sucesso



Fotos: Ernst Haas

Acima, imagem do ensaio sobre Nova York feito por Ernest Haas para a revista *Life* em 1953: abaixo, trecho da Rota 66, em Albuquerque, Novo México, registrado em 1969 em uma jornada do fotógrafo pelo interior dos Estados Unidos

Kansas, EUA, que ofereceu o serviço até o final de 2010. Nesse ponto, o Agfacolor tinha uma vantagem importante sobre o Kodachrome: a Agfa encontrou uma maneira de fabricar um filme com um processamento bem mais simplificado.

Em 1941, a Kodak deu um passo fundamental para o início da popularização do filme colorido ao lançar o Kodacolor. Ao contrário do Kodachrome, a película foi projetada para ser processada em uma

imagem negativa, não apenas com luz e sombras invertidas, mas também com cores complementares. A descoberta do negativo colorido para fazer impressões em papel simplificou o processamento em laboratório e reduziu o custo para o consumidor – mas ainda assim era bem mais caro se comparado com o P&B, o que fez com que o Kodacolor não se transformasse em um sucesso comercial entre o grande público de fotógrafos amadores.





Acima, a hora do *rush* nas ruas de Nova York em 1980 e, ao lado, piscina de um hotel na Califórnia, em 1977

Só a partir de 1960 é que o filme colorido passou a ganhar alguma popularidade nos Estados Unidos e na Europa, mas ainda tendia a ser reservado para fotos de viagens e ocasiões especiais. Com a queda de preços do produto e dos serviços de laboratório nos anos 1970, assim como uma melhoria na sensibilidade do filme negativo colorido (e com mais acesso de fotógrafos amadores à novidade do flash eletrônico), a cor foi ganhando cada vez mais espaço no mercado e na vida das famílias.

MAGO DA COR

O austríaco Ernst Haas (1921-1986), um dos célebres e influentes fotógrafos do século 20, é tido como um dos principais inovadores no uso da fotografia colorida no mundo profissional de alto nível. Nascido em Viena, seu primeiro trabalho importante foi sobre prisioneiros de austríacos que retornavam para casa após o fim da Segunda Guerra. Esse material chamou a atenção de editores da revista *Life*, mas Haas recusou a oferta de emprego para

manter sua independência como fotógrafo. Não renegou, contudo, o convite do consagrado húngaro-americano Robert Capa para fazer parte da mítica agência Magnum em 1949 – ano em que ele também fez as primeiras experiências com fotografia colorida.

Com o posto de vice-presidente da Magnum nos Estados Unidos, Haas se mudou para a cidade de Nova York em 1951. Inovador por excelência, começou a experimentar o Kodachrome e, não muito tempo depois, já era considerado

um “mago” no uso da cor. Como colaborador da *Life*, ele produziu em 1953 um ousado ensaio colorido sobre Nova York que ocupou 24 páginas – era a primeira vez que um trabalho colorido tão extenso era publicado pela revista. Outro pioneirismo: a primeira exposição de fotografia em cores feita no Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, em 1962, foi uma retrospectiva do trabalho de Ernst Haas – somente 14 anos depois o MoMA abria seu espaço para outra exposição do gênero,





Uma visão mais abstrata das luzes de Nova York que Haas produziu em 1972

Com a primeira exposição de fotos coloridas no Museu de Arte Moderna de Nova York em 1962, Haas inaugurou uma nova era na arte

Abaixo, a agitação das ruas de Nova York em 1952 (à esq.) e as Torres Gêmeas como fundo em imagem de 1975 (à dir.)

a exposição *Fotografia em Cores*, do fotógrafo americano William Eggleston.

Ao longo da carreira, Haas viajou pelos Estados Unidos e pelo mundo fotografando para a *Life* e várias outras revistas famosas, como *Vogue* e *Look*. Também foi autor de cinco livros, *The Creation* (1971), *In America* (1975), *In Germany* (1977) e *Himalayan Pilgrimage* (1978). No ano de sua morte, em 1986, ele recebeu os renomados Prêmio Hasselblad e a Medalha de Excelência Leica. Depois, Haas ainda se manteve em evidência com concorridas exposições que rodaram por várias partes do mundo, como *Ernst Haas, Color Photography*

(1989), *Ernst Haas Black & White* (1992) e *Color Correction* (2011).

Com uma linguagem pictórica que às vezes lembra obras do pintor Edward Hopper, Haas já foi descrito como um fotógrafo-poeta. O uso de baixa velocidade de obturação em cenas de ação, como touradas e corridas de automóveis (veja mais na edição 283), é mais uma de suas marcas e influências. Um fato curioso marca a entrada de Ernst Haas na fotografia: em 1946, em plena Segunda Guerra, ele conseguiu no mercado negro sua primeira câmera, uma Rolleiflex, em troca de 10 quilos de margarina dados pelos pais em seu aniversário de 25 anos.

Fotos: Ernst Haas



WORKSHOP
fotografia
de paisagem

Reinaldo Opice
PHOTOGRAPHY

TORIBA
HOTEL, RESTAURANTE & SPA



(12) 3668-5000
toriba.com.br

30.08 a
02.09.20

AZEN
TORIBA

HOTEL TORIBA - CAMPOS DO JORDÃO



A ousadia nas atitudes das modelos e nas combinações de cores berrantes é uma característica do trabalho

Provocações coloridas

Com habilidade para explorar matizes fortes e com uma proposta excêntrica, o ousado fotógrafo Pol Kurucz faz do uso da cor um dos diferenciais nas imagens que produz



POR LIVIA CAPELI

Tmagens que abusam da saturação de cores e do neon em criações bem-humoradas e, ao mesmo tempo, ácidas e críticas. É assim que o fotógrafo Pol Kurucz, que se diz um "híbrido" franco-húngaro-brasileiro, polemiza, agrada, desagrada e surpreende. No auge aos 43 anos, ele continua esbanjando excentricidade e autenticidade, rodando pelo mundo com um trabalho pós-moderno que bebe na fonte do surrealismo.

O estilo de Kurucz provoca o observador por muitos aspectos, mas são as cores, baseadas em matizes acentuados (apesar de ele confessar que

não usa a teoria da cor conscientemente), que se destacam como característica marcante do trabalho. Nascido na Hungria e criado na França, o fotógrafo mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ) em 2013, onde criou o Coletivo Kolor (veja box). Hoje vive entre São Paulo (SP) e Los Angeles, na Califórnia (EUA) – quer se fixar por lá e focar sua atuação em editoriais de moda excêntricos e campanhas publicitárias, além de ter um projeto para retratar celebridades ao seu estilo. Também entrou para o mercado de *fine art* com produções de "pegada" *pop*, oferecendo suas criações em galerias formais ou *online*.

A cor é um elemento fundamental no ousado trabalho de Pol Kurucz, que inclui moda, publicidade e *fine art pop*



O fotógrafo evita usar cores primárias e escolhe sempre as secundárias como uma espécie de assinatura do seu trabalho

PROCESSO INTUITIVO-CRIATIVO

●● Apesar de parecer o contrário, meu trabalho tem uma pós-produção mínima nas cores, pois uso gelatinas coloridas para ressaltar os tons já na captura ●●

Pol Kurucz

O trabalho de Pol Kurucz é sempre feito em estúdio. Ele tem por hábito usar entre cinco e sete fontes de luz em cada produção e, como gosta de misturar iluminação cinematográfica com a tradicional de fotografia de estúdio, dispõe de seis flashes Profoto e um refletor fresnel. Ele revela que seu grande segredo do uso de cor está associado a dois processos: "Algumas pessoas acham que meu trabalho tem muita pós-produção, por conta das cores fortes e do aspecto surreal, mas isso tem relação com gelatinas coloridas que coloco diante dos flashes e também com

a captura feita com uma câmera digital de médio formato Phase One XF IQ50 com lentes 55 mm e 80 mm", esclarece.

O fotógrafo relata que os recursos de pós-produção são utilizados apenas para fazer limpeza ou ajustes de nitidez e reconhece que o Photoshop algumas vezes é necessário para realizar fusão de imagens, como integrar algum objeto na cena. Quando questionado sobre tratamento de pele das modelos, esquivase e diz que é um segredo particular, relacionado diretamente com a técnica de iluminação e regulagem de câmera.

Do teatro para a fotografia

Envolvido com o teatro desde os 9 anos de idade, Pol Kurucz formou-se em Economia na França. Trabalhou na área por um tempo, juntou dinheiro e voltou a fazer o que realmente gostava: tornou-se diretor de teatro e agitador cultural. Mudou-se de Paris para Budapeste, capital húngara, e lá transformou um velho galpão em centro cultural e, depois, em um bar que fez tanto sucesso que outros bares surgiram na região e ela se tornou muito comercial, reunindo várias baladas. Como ele não tinha o projeto para ganhar dinheiro, mas por amor ao teatro, ao cinema, às artes, decidiu vender o bar e vir para o Brasil.

O novo país não era estranho para Kurucz. Ele tinha morado em Salvador (BA) durante um ano (2011). Antes, em 2006, havia passado seis meses no Rio. "Na época, era bem novo, não valorizei o Rio como deveria", lembra. Desembarcou novamente na Cidade Maravilhosa em 2013 e criou um coletivo cultural, o Kolor, nome do bar de Budapeste. Assim, um casarão abandonado na Rua João Afonso, Humaitá, centro da cidade do Rio, foi transformado em sede do grupo. Kurucz (foto abaixo) passou a tocar um projeto que incluía palestras, festas, teatro, cinema e outras ações. Como não havia dinheiro para contratar um fotógrafo para registrar as atividades e os eventos, ele resolveu fazer o trabalho sem nunca ter tido contato profundo com uma câmera. Foi seu primeiro passo na fotografia.

Fotos: Pol Kurucz



A maquiagem das modelos acompanha o estilo ousado de Kurucz, que tem David LaChapelle como referência

não, e conta que tem tentado reduzir a paleta de cores para uma que o defina como autor, para que possa fazer escolhas menos instintivas. Porém, tende sempre para as combinações inusitadas e misturas não tão evidentes. "Acredito que essa seja a grande essência do meu trabalho", avalia.

Ele menciona que sua maior referência permanece sendo o americano David LaChapelle, mas também continua admirando o trabalho do checo Jan Saudek, do queniano Osborne Macharia e do britânico Miles Aldridge.

Além disso, ele monta a cena, escolhe iluminação, ângulos e poses, dirige as modelos, porém admite, que ainda não tem uma ligação muito afetiva com a câmera – alguém sempre acaba apertando o botão no lugar dele.

Kurucz informa que usa a teoria das cores de maneira intuitiva, mas procura lidar com uma paleta de tons diferentes para cada série ou novo projeto. Ele diz que sempre prioriza o emprego das cores não primárias, sejam elas saturadas ou



Fotos: Pol Kurucz



CRIAÇÃO

O fotógrafo diz que seu trabalho é muito intuitivo e que ideias surgem todos os dias

CORES FORTES COMO MARCA

Pol Kurucz já ganhou fama internacional e tem publicado ensaios de moda em grandes revistas do segmento

Com imagens já publicadas em revistas renomadas no mundo da moda e do comportamento, como *Vogue*, *Elle*, *Glamour* e *Marie Claire*, e obras expostas em diversas galerias mundo afora e em eventos, como Semana de Moda de Xangai e Nova York, ArtExpo NYC, Red Dot Miami, Juxtapoz Club House (do festival Art Basel Miami) e Galerias Democrart (no Brasil, para venda de obras

via internet), Pol Kurucz consolidou sua trajetória profissional e chamou a atenção do mercado publicitário por explorar com ousadia o universo das tonalidades e texturas pouco comum, difícil de ser trabalhado pela linha tênue que separa o artístico do *kitsch*.

No Brasil, ele foi convidado pela marca de sapatos femininos Melissa para criar visual e identidade da campanha especial ►

ESTÚDIO PRÁTICO DE NEWTON MEDEIROS.

PRONTO
PARA
ENVIO



Book – Aprenda com dicas e esquemas de luz

PRONTO
PARA
ENVIO



Moda – Saiba como produzir ensaios



Publicidade – Macetes para fotos de produtos



Ensaio – Como resolver a luz em retratos sensuais



Comida – A luz para fotos de culinária

LANÇAMENTO

Fotógrafo profissional de larga experiência e professor de Fotografia, Newton Medeiros une o seu conhecimento prático, do dia a dia no estúdio, com a didática necessária para que as informações cheguem de forma objetiva à você.

5 Volumes - Formato: 16cm x 23cm - 48 páginas - Entrega trimestral.

de: ~~R\$ 200,00~~ por: **R\$ 175,00** à vista no boleto
Frete cortesia.

ou: **12x R\$ 14,58** Parcelado no cartão.

Compre pelos telefones 0800 8888 508 e
(11) 3038-5050 (SP) ou acesse www.europamet.com.br



Preços válidos até 30 de outubro de 2020. Sujeito à disponibilidade de estoque. Reservamos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação nesta edição.



Cada detalhe, da cor aos adereços, é pensado pelo fotógrafo franco-húngaro que decidiu morar no Brasil em 2013

de 40 anos das sandálias queridinhas das garotas. A série intitulada de *Fantastic Pop* conta uma história colorida e divertida passada dentro de um supermercado. Outra marca nacional que tem a campanha assinada por Kurucz é a de esmaltes Risqué, em que modelos aparecem em cenas comuns do cotidiano e contam a história por trás do nome dos esmaltes. O destaque da campanha fica por conta da unha enorme da mão da modelo, que é usada como agulha para uma vitrola.

"Como a essência do meu trabalho são as cores, isso chama a atenção das marcas, que me convidam visando essa característica dominante. O casamento dessa paleta de tons combina muito bem com diversos segmentos. Diferentemente do que ocorre com muitas campanhas publicitárias, os projetos comerciais que chegam para mim não têm regra fixa, o cliente ou a agência tem uma ideia ampla que tende a contextualizar com meu trabalho. A marca quer encaixar o produto dentro do universo do meu projeto, o que amplia o significado do produto. Não funcionaria se eu tivesse um *briefing* para seguir", explica ele.

Com relação ao processo criativo, Kurucz diz que tudo surge muito naturalmente: "Às vezes, estou andando na rua e vejo um cartaz rasgado ou sonho com algo, estou no banho e vem uma ideia ou vejo uma foto de uma modelo em uma revista que me inspira... Tudo isso somado me ajuda a expressar o que desejo comunicar com os valores que apoio. Meu processo de criação é muito intuitivo e acontece aleatoriamente", admite. Para conferir mais do trabalho do ousado fotógrafo, acesse o site www.polkurucz.com ou o Instagram: @polkurucz.



DESENVOLVA SEU OLHAR FOTOGRÁFICO.

ASSINE 2 ANOS DA REVISTA FOTOGRAFE MELHOR
E GANHE 4 MÁSCARAS EXCLUSIVAS.



Assine e
garanta seus
exemplares



De: ~~R\$ 477,00~~

Por: **R\$ 334,80** ou: 12x **R\$ 27,90** + frete

COLEÇÃO DE CANECAS FOTOGRAFE

Cada caneca vem com a foto de uma câmera clássica e uma breve história de sua criação. São elas: Rolleiflex, Speed Graphic, Leica M3, Nikon F, Hasselblad 500C, Contax, Canon F-1, Pentax Spotmatic, Olympus Pen F, Minolta SR-1, Kine Exakta, Yashica Electro 35, Kodak Retina, Polaroid SX-70 e Linhof Tecnika III.



São 15 canecas

De: ~~R\$ 675,00~~

por: **R\$ 492,00**

ou: 12x **R\$ 41,00** + frete

Canecas em cerâmica branca, com capacidade para 300ml.

Compre pelos telefones 0800 8888 508 e
(11) 3038-5050 (SP) ou acesse www.europamet.com.br





Fotos: Ratão Diniz

Turma da Mistura, uma das centenas que saem nas ruas dos subúrbios do Rio de Janeiro durante o Carnaval

Na cola dos bate-bolas

O fotógrafo Ratão Diniz documenta uma tradição trazida ao Brasil por portugueses e que sobrevive marginalizada nos subúrbios cariocas

POR JOSÉ DE ALMEIDA



A profusão de cores é uma característica das fantasias usadas pelos grupos de bate-bola (ou clóvis), uma manifestação carnavalesca típica dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. O fotógrafo Ratão Diniz, 36, decidiu investir em um projeto de longo prazo para mostrar esse lado do Carnaval carioca, pouco conhecido no resto do Brasil, porque a cor é um dos principais elementos que ele usa na composição das imagens. Desde 2010, o fotógrafo acompanha grupos diferentes para uma documentação que pretende transformar em exposição e livro no futuro.

Quando registra os grupos de bate-bola, ele

diz que um dos principais desafios é a fotometria por causa dos reflexos em algumas fantasias feitas de cetim. Isso ocorre principalmente com o boá, acessório importante que valoriza muito o folião. "É um adereço presente na máscara, como um cabelo; na casaca, na parte de trás, onde fica o desenho do tema adotado pela turma naquele ano; e em volta do pescoço", explica Ratão Diniz.

Ele comenta que a festa tem muito movimento, o que pede muita agilidade do fotógrafo. Para fugir de fundos muito poluídos, em algumas imagens ele começa escolhendo o cenário onde irá fotografar. "Isso é muito importante, pois ajuda na composição ao sobrepôr as cores dos personagens", diz.



MÁSCARA

O adereço é fundamental e uma das principais características dos bate-bolas



APRENDIZ DO MESTRE RIPPER

Como a tradição passa de pai para filho, muitos meninos (acima) fazem parte dos grupos; para chegar ao local de onde o grupo sai, a maioria vai de ônibus ou de trem

O projeto começou quando ele estava dando aulas de Fotografia no Sesc de Madureira, zona Norte do Rio, e descobriu que uma aluna conhecia um grupo que saía para brincar o Carnaval de um lugar bem perto da casa dela. "Pedi ajuda a ela para ter contato com o pessoal e, chegando lá, me apresentei e expliquei meu trabalho. Tive a oportunidade de acompanhar a saída da Turma da Praça, um dos grandes grupos de

Marechal Hermes. Daí em diante, não parei mais de fotografar grupos", conta ele.

Carioca criado no Complexo da Maré, Rato Diniz fez parte da primeira turma da Escola de Fotógrafos Populares, criada pelos mestres João Roberto Ripper e Dante Gastaldoni na comunidade em 2004 (leia na edição 123 de **Fotografe**). De lá para cá, ele se estabeleceu como profissional e se transformou em uma das principais





Ao lado, grupo saindo de uma estação ferroviária: acima, retrato de um jovem bate-bola

referências do belíssimo trabalho realizado por Ripper e Gastaldoni entre os jovens que vivem naquela comunidade carente, onde faltam oportunidades e sobra violência.

Diniz lembra que no início da sua caminhada como fotógrafo fazia imagens em P&B. Com a consolidação da fotografia digital, migrou para a cor em 2007. "Fiz essa mudança quando tive a oportunidade de fazer uma viagem de dois meses pelo interior do Brasil por meio do *Revelando os Brasis*, projeto que leva cinema num caminhão para os rincões do País", informa ele.

O interesse pelas turmas de bate-bola não nasceu em 2010, vem de bem antes, quando ele ainda era um menino. "Essas turmas mexiam comigo. Ficava curioso em saber quem estava por trás das máscaras", comenta Diniz, referindo-se a uma das principais características das coloridas e espalhafatosas fantasias. Espécie de Carnaval alternativo, promovido bem longe da Marquês de Sapucaí e das ruas da zona Sul do Rio, a cultura do bate-bola ou clóvis é desconhecida até de boa parte dos cariocas, comenta Diniz.

Caretos de Podence, uma tradição no Carnaval de Portugal



Tradição pode ter origem celta

A pesquisadora Aline Gualda Pereira, do Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), trabalha com a possibilidade de a vestimenta dos bate-bolas (ou clóvis) cariocas ser uma variação de fantasias europeias com origem em mitos celtas. A tradição foi trazida pelos colonizadores portugueses, tendo sido também influenciada pela folia de reis – até hoje homens mascarados coloridos, os caretos, saem no Carnaval em Portugal, forte tradição em Bragança e na aldeia de Podence, na região de Macedo dos Cavaleiros, ambos no norte do país.

Segundo Luiz Felipe Ferreira, coordenador do Centro de Referência do Carnaval do Instituto de Artes da Uerj, a disputa de espaço nas ruas pelas turmas de bate-bolas é um tipo de diversão ligada a áreas mais rurais. Ferreira diz que a tradição encontrou terreno fértil no subúrbio do Rio durante o início do século 20, quando matadouros forneciam bexigas de bois e de porcos que eram usadas para produzir as primeiras bolas, presas por uma corda a um bastão.

Supõe-se que o nome clóvis tenha derivado de *clown*, palhaço ou pierrô, em inglês e alemão, a partir da interpretação popular do termo pelo qual eruditos e estrangeiros chamavam os foliões fantasiados. Para a historiadora Cristiane Braz, os primeiros bate-bolas cariocas surgiram no bairro de Santa Cruz, zona Oeste do Rio, que, além de um grande matadouro, abrigava um hangar de zepelins na década de 1930. Há registros de que militares alemães que chegavam ao Brasil nesses dirigíveis contribuíram para a nomeação dos foliões.



Renan Otto

TRADIÇÃO LONGE DA MÍDIA

A grande maioria das saídas de bate-bolas durante o Carnaval é apenas uma diversão entre amigos, geralmente jovens que levam adiante uma tradição de quase 100 anos que passa de pai para filho. Vistos como "clubes do Bolinha" por um longo tempo, os grupos também passaram a receber mulheres de uns anos para cá. Mas, por problemas ligados a brigas (e até mortes) causadas pela rivalidade entre alguns grupos, a manifestação ainda é

Ao lado, Ratão Diniz mostra uma foto na câmera para um folião

vista com preconceito por uma parcela da população e quase ignorada pela mídia.

O ato de fazer barulho e assustar as pessoas, batendo as bolas no chão ou em paredes, é de onde vem o nome mais popular – já o nome clóvis teria origem na pronúncia de estrangeiros ao ver os grupos em ação nos anos 1930 (veja box). Por causa dessa abordagem mais "agressiva", alguns grupos aboliram as bolas e saem apenas com sombrinhas, outro adereço importante na estética dos foliões.

Ratão Diniz explica que essa forte tradição suburbana mobiliza grupos de pessoas ao longo do ano para fazer as

DISPUTA

Brigas violentas que ocorrem entre alguns grupos geram preconceito contra todos

O uso de fumaça colorida também faz parte da festa que os bate-bolas promovem no Carnaval suburbano

fantasias, escolher o tema que será exibido no Carnaval e organizar a festa. "De certa forma, é como uma escola de samba, mas em escala bem menor", diz. O fotógrafo conta que acompanhar a saída dos grupos gera sempre tensão, pois é o trabalho de um ano inteiro feito por muitas mãos. "É o momento de revelar a fantasia, segredo bem guardado até aquele momento", comenta. Há geralmente uma oração do grupo em voz alta e depois vem a saída do grupo para as ruas com muitos fogos, caixas de som a todo volume, bolas batendo no chão, sombrinhas girando e



Dar saltos é uma das brincadeiras dos foliões; abaixo, uma menina com a máscara e o bastão com a bola: entrada de mulheres nos grupos é recente



movimentos imprevistos dos foliões.

Para resumir esse trabalho com os bate-bolas, ele diz: "Minha fotografia é feita de encontros e reencontros. Preciso saber chegar aos lugares e, mais importante ainda, saber sair para que possa conquistar um novo convite para voltar sempre. Isso se

dá pelas relações construídas, o elo do bem-querer que o mestre Ripper tanto me ensinou. Lembro de uma frase dele sempre presente comigo: 'mais vale uma história e uma amizade do que uma fotografia'. Participar, conversar, partilhar... É desse processo que nasce a fotografia que realizo".



Cientes da responsabilidade de promover um evento que normalmente atrai um grande número de pessoas a Paraty, mas diante do panorama ainda preocupante dos casos de Covid-19 em todo o Brasil, o Paraty em Foco Festival Internacional de Fotografia, em acordo com a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura e com outros organizadores de eventos na cidade, estabeleceu um novo calendário para que essas celebrações ocorram no ambiente o mais seguro possível. Por isso, a 16a. edição do festival será realizada **DE 21 A 25 DE OUTUBRO 2020.**

A parte presencial do Paraty em Foco, as mostras das convo-

catórias e de outros autores, serão realizadas dentro dos mais estritos protocolos de segurança. O foco será nos eventos ao ar livre, como projeções e exposições, mantendo o distanciamento físico e atendendo às normas dos organismos de saúde. A cidade de Paraty vem se preparando para retomar, com responsabilidade, sua vocação natural para receber visitantes, e o Paraty em Foco está empenhado nesse esforço.

A programação terá palestras, workshops e leituras de portfólios, que serão feitas online, com transmissão nas nossas redes sociais e na de parceiros, em datas e horários que ainda serão estabelecidos. Eventos à distância, mas mantendo o alto padrão que sempre caracterizou o Paraty em Foco.

Nosso compromisso permanente de divulgar os novos talentos da fotografia não foi alterado. Por isso, as convocatórias tiveram seu prazo estendido. As inscrições de Fotos Únicas, Ensaios e Selfies poderão ser feitas até 15 de setembro. Os trabalhos pré-selecionados já estão sendo publicados em nosso site, e os vencedores serão expostos na Quadra da Matriz como de costume, assim esperamos, se as normas de saúde permitirem, contar com a presença desses autores premiados.

Agradecemos o apoio e compreensão da comunidade fotográfica, dos patrocinadores, apoiadores, parceiros e todas as instituições envolvidas. Estamos certos de que, com um trabalho sério e consciente, o festival ajudará a cidade de Paraty a superar esse momento desafiador. Acima de tudo, poder realizar mais um grande evento é uma maneira de agradecer pela confiança que os inscritos e parceiros depositaram mesmo diante de tantas dificuldades.

PEF 2020

16º PARATY EM FOCO
FESTIVAL INTERNACIONAL
DE FOTOGRAFIA
DE 21 A 25 DE OUTUBRO 2020

UM EVENTO PARA TODOS OS OLHARES
www.pefparatyemfoco.com.br

APOIO



SECRETARIA DE
CULTURA E ECONOMIA
CRIATIVA

PARCERIAS

Fotografe



Portfolio



NO OLHAR.TV



CASA
DA CULTURA
DE PARATY
JANUÁRIO TORRES

PARCERIAS



REALIZAÇÃO



EVENTO





Tratamento em
imagem de Miro,
renomado fotógrafo
paulista de moda

Especialista em cor

Confira dicas de José Fajocka, um dos principais nomes da pós-produção no Brasil e responsável por tratar imagens de grandes fotógrafos

POR ÉRICO ELIAS

José Fajocka, 51 anos, é o nome por trás da marca Fajocka Creative Images, um dos estúdios de tratamento de imagens mais conceituados do Brasil. Mineiro de Uberaba radicado em São Paulo (SP) desde 1988, ele entrou no nicho da pós-produção no início dos anos 1990, quando abriu o laboratório Oficina da Fotografia. Já naquela época começou a usar o Photoshop e se especializou em tratamento digital. A demanda de trabalho para o mercado publicitário o levou a abrir em 2002 o estúdio de pós-produção digital que leva seu nome. De lá para cá, as mudanças proporcionadas pela revolução digital foram enormes, principalmente para o tratamento de imagens coloridas.

Apesar de ser um especialista em campanhas publicitárias, nos últimos anos ele tem realizado cada vez mais trabalhos de tratamento de cor diretamente para fotógrafos renomados, como Araquém Alcântara, Miro, André Penteado, Iatã Cannabrava, João Farkas e Claudia Jaguaribe – geralmente voltado à preparação de livros e exposições. Esse tipo de atuação é muito mais livre do que no mercado publicitário e depende de uma interação muito próxima com o autor para buscar em conjunto o melhor tipo de abordagem.

Fajocka afirma que é trabalho que exige muito mais dedicação e entendimento, pois na maioria das vezes os pedidos são muito

subjetivos. Por isso, segundo ele, quando um fotógrafo encontra um parceiro de tratamento de imagem dificilmente vai querer fazer o trabalho com outro profissional. “Nesse caso, a confiança e a liberdade de diálogo é mais importante do que o valor cobrado”, avalia.

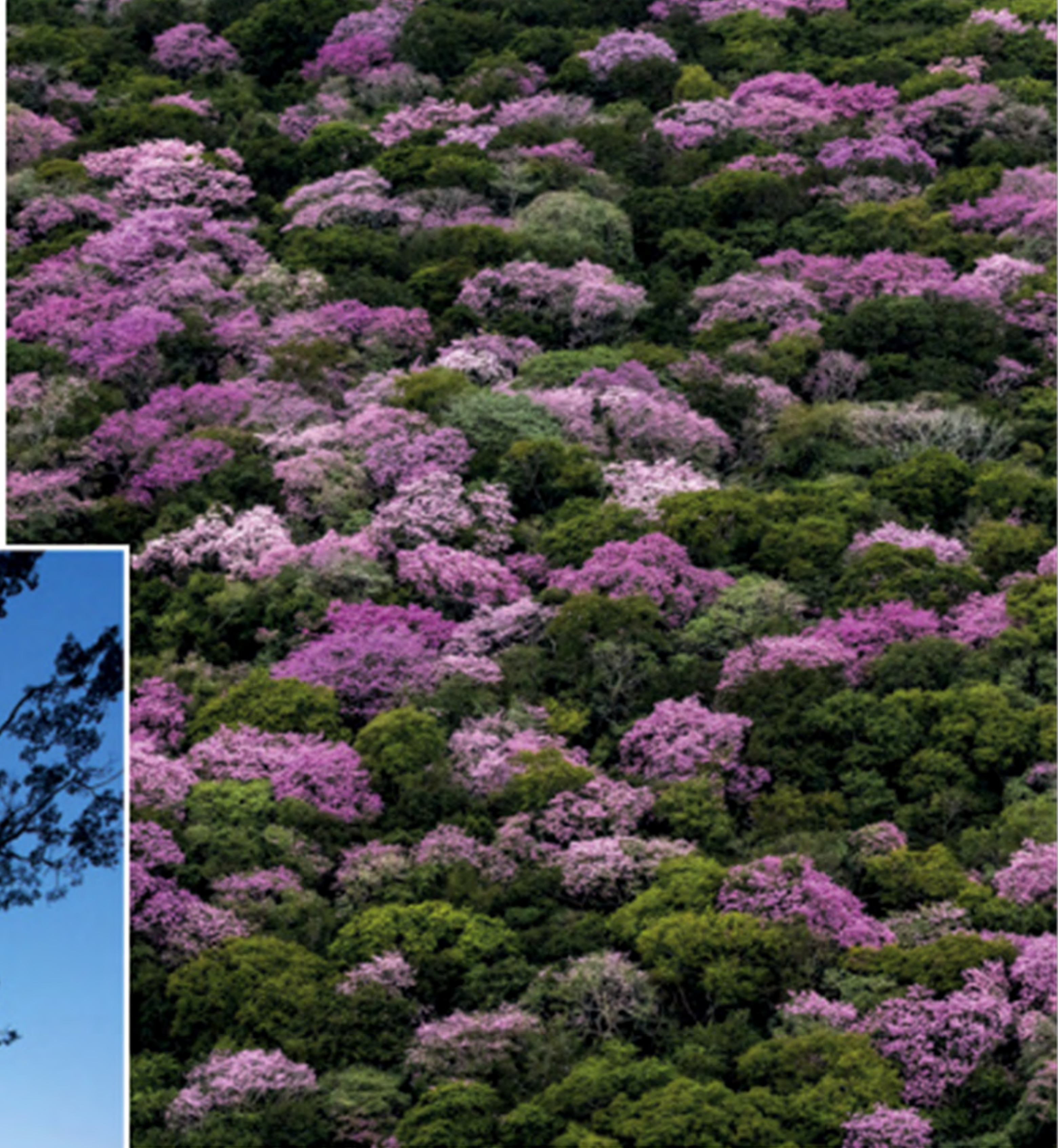
Esse maior envolvimento direto com fotógrafos acabou influenciando José Fajocka a criar em agosto de 2018 a livraria e editora Lovely House, com sede na Galeria Ouro Fino, na famosa Rua Augusta, região dos Jardins, com o intuito de colaborar para a difusão da arte e de publicações de fotografia, tendo como sócia sua mulher, a designer gráfica Luciana Molisani – veja os detalhes no site lovelyhouse.com.br.

Imagem captada por
Araquém Alcântara,
um dos clientes
de Fujocka para
tratamento de cor

Araquém Alcântara



A cor na natureza:
imagens tratadas para
os fotógrafos João
Farkas (ao lado) e
Vitor Chaim (abaixo)



Vitor Chaim

O sistema digital assegura uma durabilidade maior para fotos impressas do que o analógico, mas uma série de detalhes é que determinará o tempo de duração

A COR NO DIGITAL

A durabilidade e a estabilidade estimadas de filmes e papéis fotográficos coloridos da era analógica eram bastante inferiores aos materiais P&B. Com a era digital, a evolução dos computadores e monitores, dos softwares de

tratamento de imagem e de gerenciamento de cores, o controle do fluxo tornou-se muito mais completo. O arquivo digital não se deteriora, embora também precise ser armazenado de maneira adequada, e as impressões a jato de

tinta pigmentada em papéis *fine art* têm durabilidade estimada em até dois séculos pelos fabricantes.

Fujocka explica, no entanto, que a questão da durabilidade ainda é um debate em aberto entre os profissionais da impressão. "Por mais que os pigmentos tenham evoluído e sejam vendidos com garantia de longa durabilidade, sabemos que essa ainda não é uma realidade. Com certeza a diferença de durabilidade entre um *print* analógico e um digital é brutal. O digital trouxe uma estabilidade bem maior para o tempo de vida de uma cópia fotográfica, mas mesmo assim ainda não há garantia de que uma cópia vai durar 30 ou 100 anos. Tudo depende das formas de armazenamento, exposição à luz, umidade e também da qualidade dos produtos usados", esclarece.

O desenvolvimento dos softwares de edição, cujo marco



João Farfás

foi o lançamento do Photoshop, em 1990, pela Adobe, ampliou em muito as possibilidades de ajustes e ganhos na imagem e também trouxe recursos para manipulações mais profundas, como a fusão de fotografias e a mescla com ilustração. "Praticamente não temos limite hoje em dia. Podemos criar quase tudo que imaginamos no computador", assegura o especialista.

A popularização dos recursos de edição digital ao longo dos anos recentes teve impactos no mercado de pós-produção, causando um rebaixamento dos preços. "Todo serviço que tem o software como base para sua execução sempre estará correndo o risco de ser banalizado em algum momento. Nosso estúdio ficou muito conhecido quando fizemos algumas campanhas onde tínhamos que envelhecer as pessoas. Parecia ser algo impossível de fazer naquele momento. Hoje um aplicativo de celular faz esse trabalho em segundos e o resultado fica bem melhor", compara.

RAW, o salva-vida

José Fujocka lembra que um arquivo em formato RAW é o grande segredo para corrigir erros de temperatura de cor ou de exposição, podendo salvar uma imagem. Aqui ele mostra um exemplo de ajuste errado. Abrindo o Câmera RAW do Photoshop, foi possível acertar a temperatura de cor para um tom mais quente, diminuir um pouco o contraste por causa da diferença

entre claro e escuro, buscar detalhes da alta luz diminuindo os comandos Highlights e Whites e buscar detalhes nas áreas de sombras através de Shadows. É possível trazer mais brilho nas altas luzes aumentando o Clarity e, por último, acrescentar um pouco de vibração nas cores por meio do Vibrance – que nunca pode ser exagerado para não estourar as cores.



Arquivo pessoal

Acima, a imagem captada com exposição e temperatura de cor erradas, mas, como foi arquivada em RAW, há como recuperar



Acima, os ajustes feitos no arquivo RAW para recuperar as áreas subexpostas e chegar à temperatura de cor ideal





Ricardo Barcellos

MERCADO EM MUTAÇÃO

Imagem tratada para o premiado fotógrafo publicitário Ricardo Barcellos

O estúdio Fujocka Creative Images começou atendendo principalmente ao mercado de embalagens de alimentos. Depois, passou ao nicho da moda, atendendo às principais marcas de roupas do Brasil. Chegou a ter uma equipe fixa de 15 pessoas entre 2006 e 2012. Em anos recentes, as campanhas de lançamento de novas

coleções tiveram seus orçamentos reduzidos, o que levou a uma reestruturação do estúdio. "Em 2017, fizemos uma transição para uma estrutura enxuta. Somos quatro sócios, com responsabilidades iguais, e dividimos os

trabalhos conforme o conhecimento e a experiência de cada um", diz ele.

Os trabalhos do estúdio ficaram concentrados em campanhas mais complexas, já que o mercado se pulverizou e as demandas mais simples passaram a ser resolvidas pelos próprios fotógrafos ou pelas agências de publicidade. As criações do estúdio para campanhas de grandes empresas geralmente envolvem a criação de imagens baseadas no aspecto lúdico, com uso de ilustrações em 3D e muitas fusões.

"A fotografia é só mais um mercado que está tendo que se adaptar. Hoje em dia um cliente se sente muito mais atraído quando vê uma campanha humanizada do que quando olha para uma foto superproduzida com uma mensagem totalmente fora da sua realidade. Muitas vezes pedir para uma atriz famosa fazer um *selfie* usando uma determinada marca e postar nas redes sociais dela traz muito mais retorno para a marca do que chamar a mesma atriz e produzir uma foto em estúdio", constata.

José Fujocka: fotografia está se adaptando à nova ordem do mercado



Arquivo Pessoal



Imagem original



O primeiro passo foi mexer em Levels para melhorar o contraste

Um ajuste que José Fujocka gosta muito de usar e que nem sempre os fotógrafos usam é o Balanço de Cores. Ele é a essência dos ajustes feitos em um laboratório analógico colorido, diz o especialista. Nesse processo, são usadas cores complementares para dar equilíbrio ou acentuar um tom na imagem. Com essa ferramenta é possível corrigir também um desvio de cor, diz ele.

Como exemplo, ele usa uma técnica aplicada em colorização cinematográfica baseada em trabalhar os tons quentes e frios para destacar primeiro e segundo planos. Primeiramente ele usou Levels (Níveis) para dar um leve contraste, aumentando a alta luz e fechando um pouco

as baixas. Depois, acessou o Color Balance (Equilíbrio de Cores) para esfriar as sombras, colocando azul, e esquentar as altas luzes, colocando amarelo. Isso já ajuda a dar um efeito de imagem de cinema, separando

os planos. Por último, utilizou a Saturação para dar um pouco mais de vibração nas cores. Colocou também uma pequena vinheta nas laterais da imagem para deixar a atenção mais voltada para o centro.



2



3

Em Color Balance (Equilíbrio de Cores), o canal de azul foi usado para "esfriar" as sombras e o de amarelo para "esquentar" as altas luzes



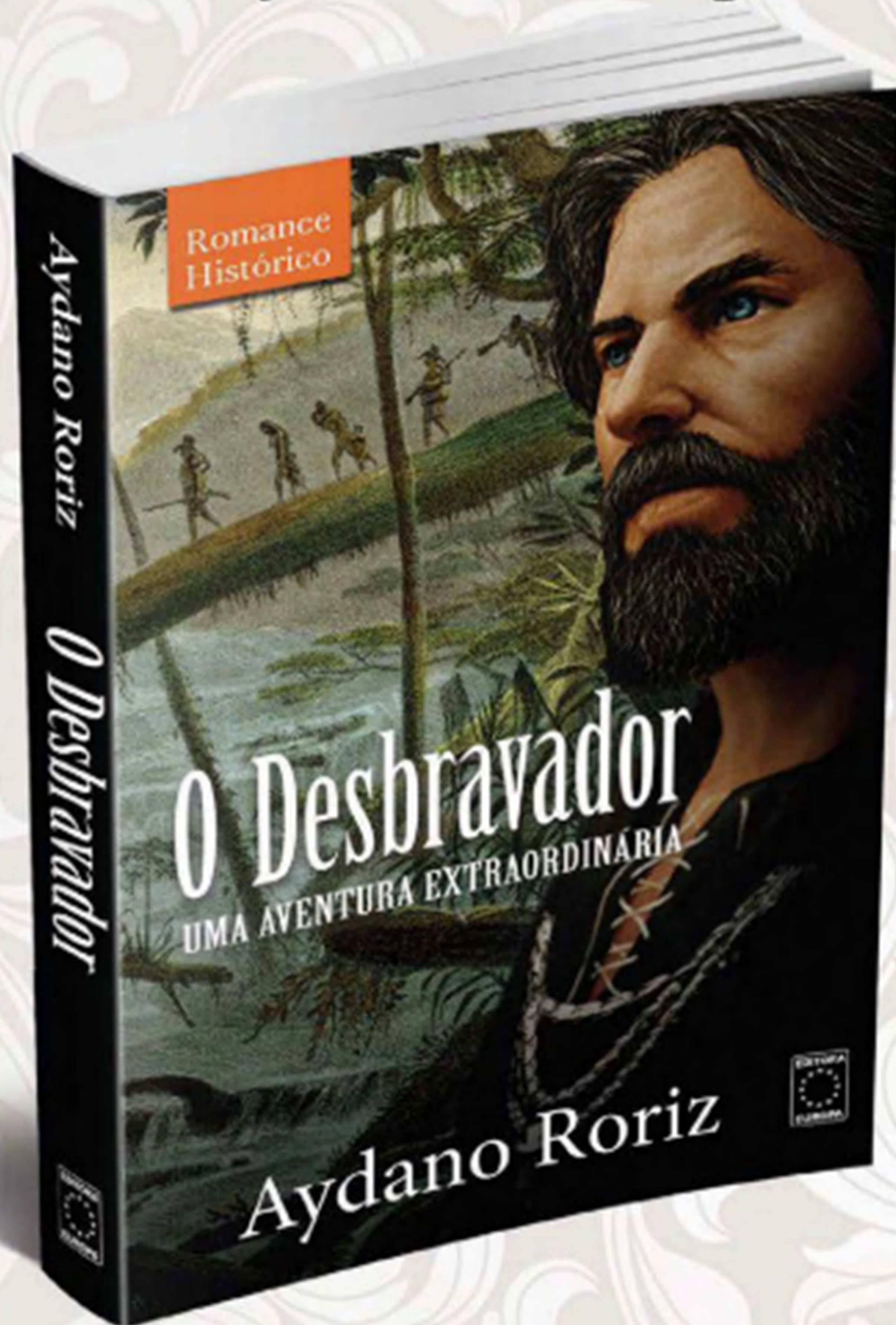
4

Na última etapa, um pouco de saturação para valorizar as cores



Imagem final

Livros que dão cor e vida aos personagens da história.



ROMANCES HISTÓRICOS DE AYDANO RORIZ

*Você vai se encantar
em descobrir detalhes
e bastidores que os
livros tradicionais
não revelam.*

Baseado em profundas pesquisas sobre a vida de Duarte Coelho, temperados com doses da melhor ficção e bom humor, o autor compôs este romance épico, fascinante e divertido... uma aventura inesquecível.



Compre pelos telefones 0800 8888 508 e (11) 3038-5050 (SP) ou acesse www.europamet.com.br



WINE

CONHEÇA O MAIOR CLUBE DE VINHOS
DO MUNDO SEM SAIR DE CASA



***Você nunca imaginou que
cabia tanto em uma caixa.***

Descubra o mundo, coleciona momentos, experimente sabores e se encante com histórias. A cada taça, você cria uma nova memória e se surpreende com os sabores. Conheça o maior Clube de vinhos do mundo sem sair de casa.



WWW.WINE.COM.BR

INFORMAÇÕES DE QUALIDADE PARA

COLEÇÃO PRIMEIROS PASSOS NA FOTOGRAFIA

Os principais pontos para você entender a técnica fotográfica na teoria e na prática. Com textos claros e objetivos, apoiados por imagens ilustrativas, os oito volumes ajudam a formar uma base sólida para quem pretende se desenvolver na fotografia.



A Natureza

A Cena de Rua

A Paisagem

O Retrato



A Técnica

A Composição

O Equipamento

Os Conceitos Básicos

8 Volumes - Formato: 16cm x 23cm - 48 páginas - Entrega trimestral - Frete cortesia.

de: ~~R\$ 320,00~~ por: **R\$ 280,00** à vista no boleto
ou: 12x **R\$ 23,33** Parcelado no cartão.

Tire dúvidas e compre pelos telefones
0800 8888 508 e (11) 3038-5050 (SP)

VOCÊ MELHORAR AS SUAS FOTOS.

FOTOGRAFIA DE NU E SENSUAL

A fotografia de nudez e sensualidade é um dos gêneros mais recorrentes entre grandes fotógrafos. Esta coleção reúne os maiores mestres contemporâneos da área que mostram como fazem para que você também produza fotos de muito bom gosto e qualidade.



O olhar de Vildnei Andrade



A versatilidade de Brasília Wille



O talento de Tallyton Alves



A luz de Douglas Pinheiro



A criatividade de Junior Luz



A arte de Guilherme Lechat

6 Volumes - Formato: 16cm x 23cm - 48 páginas - Entrega trimestral - Frete cortesia.

de: ~~R\$ 240,00~~ por: **R\$ 210,00** à vista no boleto
ou: 12x **R\$ 17,50** Parcelado no cartão.

Se preferir, compre pela internet em
www.europamet.com.br



DESENVOLVA O SEU OLHAR FOTOGRÁFICO.

Edições
com impressão
em papel fotográfico

TUDO
PRONTA
ENTREGA

Uma coleção para você dominar os segredos de uma foto com pegada profissional.



Entenda o essencial



Use as linhas e as formas



Componha com luz e cor



Solte a criatividade



Trabalhe com a tridimensionalidade



Destaque o principal

**É no visor da câmera
que o fotógrafo elabora o design
da sua criação.**

Tire dúvidas e compre pelos telefones
0800 8888 508 ou (11) 3038-5050 (SP)

Se preferir, compre pela internet em www.europamet.com.br

Todos os livros
de ~~R\$ 240,00~~
por **R\$ 190,00**
à vista no boleto
ou:
10x R\$ 19,00
no cartão
frete cortesia



Preços válidos até 30 de outubro de 2020. Sujeito à disponibilidade de estoque. Fretes não incluídos. Reservamos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação nesta edição.

YONGNUO

M8 ESPELHO MAKE-UP

Espelho para maquiagem com anel de LED
que produz atmosfera de luz solar



CRI≥96

Colour Rendering Index
(índice de reprodução cromática)

[POTÊNCIA DE SAÍDA]

8.5W

[ILUMINAÇÃO]

1200Lux

[FONTE DE LUZ]

120 SMD pontos de esferas de LED

SMD de esferas de LED **8 RGB**



SONY

SONY α ALPHA



BE ALPHA

693 PONTOS DE AF

24,2 MP

10 FPS

ISO 100 - 51200

"A Sony mudou a forma que eu vejo os momentos! Documentar casamentos não é uma tarefa fácil, exige muita responsabilidade e confiança, mas hoje consigo explorar muito mais sem medo pois me sinto seguro com a Sony."

RAFAEL FONTANA
Embaixador Sony Alpha



Rafael Fontana

$\alpha 7$ III



SEL35F18

Onde comprar:

Sony Store	0800 601 1188
World View	(11) 3227-2611
Brasil Tronic	(11) 2345-6737
eMania	(11) 3313-0842
Merlin Distribuidora	(19) 3741-4481
Raitai	(61) 3877-1692

α
ALPHA

www.store.sony.com.br

Os logotipos Sony e α são marcas comerciais registradas pela Sony Corporation. Imagens meramente ilustrativas.

PRECISA DE ATUALIZAÇÃO? LEIA A REVISTA LOCAWEB.

Receba em casa **12 edições inéditas**
+ **6 edições anteriores** de cortesia.



POR: **R\$ 190,80**

À VISTA
NO BOLETO
+ FRETE

OU **10X DE R\$ 19,08**

Compre pelos telefones **0800 8888 508** e
(11) 3038-5050 (SP) ou acesse **www.europamet.com.br**



*Preços válidos até 30 de outubro de 2020. Sujeito à disponibilidade de estoque. Fretes não incluídos. Reservamos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação nesta edição.



RAFAEL FONTANA
Embaixador Sony Alpha

"A Sony mudou a forma que eu vejo os momentos! Documentar casamentos não é uma tarefa fácil, exige muita responsabilidade e confiança, mas hoje consigo explorar muito mais sem medo pois me sinto seguro com a Sony."





**PORTO
SEGURO**

1 ano de seguro GRÁTIS!*



COMPRA SUA CÂMERA OU LENTE SONY E GANHE **UM ANO DE SEGURO GRÁTIS***

Ao adquirir sua câmera e/ou lente diretamente com a **SONY BRASIL** através dos canais exclusivos www.store.sony.com.br ou pelo televendas 0800 601 1188, você recebe seu equipamento com **01 ano de seguro grátis!**

SONY



store.sony.com.br

Starter

Monolight

*Iluminação
Profissional
para Fotógrafos
Exigentes!*

Mako[®]

The Standard for Lighting.



Flash Digital | Controle EU Number | Luz Modeladora LED | 11 Níveis de Potência* | Display Digital | Bivolt

*7 níveis de potência nos modelos 220 e 320.



mako[®]
STORE

www.makostore.com.br

☎ 47 3641 6888

📞 WhatsApp | 47 98497 7486
ou 98497 7487

🖱 mako.webstore

📱 Mako Web Store

